



Universidade Estadual do Paraná
Credenciada pelo Decreto Estadual n. 9538, de 05/12/2013.
Campus de Curitiba II-FAP



KELLY SARAIVA SANTOS

O OBJETO COMO NARRATIVA DE MEMÓRIA

CURITIBA - PR

2024



Universidade Estadual do Paraná
Credenciada pelo Decreto Estadual n. 9538, de 05/12/2013.
Campus de Curitiba II-FAP



KELLY SARAIVA SANTOS

O OBJETO COMO NARRATIVA DE MEMÓRIA

Memorial artístico-crítico reflexivo apresentado a banca de Defesa de Memorial Descritivo do curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes, Linha de Pesquisa Modos de conhecimento e processo criativos em Artes, da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: José Eliézer Mikosz

CURITIBA - PR

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Saraiva Santos, Kelly

O objeto como narrativa de memória / Kelly
Saraiva Santos. -- Curitiba-PR, 2024.
77 f.: il.

Orientador: José Eliézer Mikosz.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do
Paraná, 2024.

1. Objetos de memória. 2. Atelier do artista. 3.
Processos de criação. 4. Estratégia e documentos de
tabalho. 5. Livro de artista. I - Eliézer Mikosz,
José (orient). II - Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

**ATA nº 010/2024 - PPGARTES
BANCA DE DEFESA**

No dia 10 de julho de 2024, às 10 horas, através de encontro em sala virtual, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado **O OBJETO COMO NARRATIVA DE MEMÓRIA** da mestrandia **KELLY SARAIVA DOS SANTOS**, que contou com a presença das professoras/es doutoras/es Marcos Camargo, Teresa Lousa e Artur Freitas como membras titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela **Aprovação** da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Defesa deu-se por encerrado e eu, professor orientador e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.

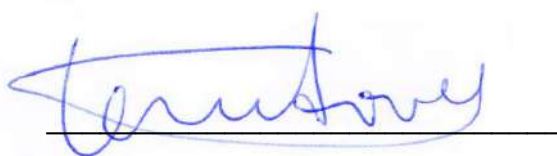
Recomendações – Atender recomendações da Banca em relação à metodologia, dando especial atenção ao Resumo, Introdução e Considerações Finais, aprofundando com os autores sugeridos pelos professores durante a Defesa.



Prof. Dr. José Eliézer Mikosz (UNESPAR) – orientador



Prof. Dr. Marcos Camargo (UNESPAR)



Profa. Teresa Lousa (FBAUL)



Prof. Dr. Artur Freitas (UNESPAR) - suplente

DEDICATÓRIA

À Deus por estar sempre ao meu lado me sustentando nos momentos em que pensei em desistir.

Ao meu esposo que sempre esteve ao meu lado me auxiliando nos momentos difíceis, me auxiliando em tudo que precisei durante a trajetória acadêmica.

Ao meu querido pai (*in memóriam*) cuja presença permanece viva em cada lembrança e em cada objeto que guarda sua história. Sua ausência física nunca apagou o impacto profundo que suas lições e seu amor deixaram em mim. Este trabalho é uma homenagem à memória que você construiu em minha vida, e os fragmentos de sua existência que continuam a me inspirar. Com eterna saudade e gratidão.

A minha amada mãe por me dar forças para que continuasse meus estudos e realizasse meus sonhos, meu porto seguro durante toda minha vida, minha amiga e companheira de todas as horas.

Dedico o resultado desta pesquisa a todos vocês que sempre estiveram presentes, me apoiando e encorajando a nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador por ter indicado as correções necessárias para que a pesquisa ganhasse maior sentido no decorrer desta caminhada de pesquisas, leituras e seleção de autores que pudessem embasar os estudos.

À universidade pela oportunidade em ampliar meus conhecimentos e colocar em prática um sonho, onde pude criar uma pesquisa científica sobre um tema que tanto me orgulha. Confesso que sou apaixonada por cada objeto de estudo e me sinto muito agradecida por ter tido a oportunidade de finalizar este curso.

Agradeço aos amigos, familiares e incentivadores que de uma forma ou de outra contribuíram para que este resultado fosse alcançado.

*O potencial poético da coleção está nas
sensações vivenciadas pelo sujeito
coleccionador e a possibilidade de
estabelecer uma significação entre as
memórias ali corporificadas*

(POLIDORO, 2009, p. 4).

RESUMO

SANTOS, Kelly Saraiva. **O Objeto como Narrativa de Memória**. Memorial - UNESPAR, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2024.

Este Memorial é o resultado de uma pesquisa realizada com objetos de memória de um acervo pessoal. O objetivo geral desta pesquisa foi ressignificar os objetos de grande valor sentimental que estavam guardados em caixas para serem expostos a um ambiente onde tomassem forma de obra de arte e pudessem ser apreciadas por diferentes olhares. Vários objetivos específicos foram traçados: selecionar esses objetos para a criação de um ensaio fotográfico; catalogar fotografias da antiga moradia; pesquisa com a técnica de impressão 3D; estruturar as formas de planta baixa; readequar o espaço para acomodar os objetos de memória; e estruturar um livro de artista como um dos processos de criação, em busca de novas formas. O problema de investigação partiu do seguinte questionamento: como as memórias dos objetos de um acervo pessoal motivadas por uma mudança podem ser transformadas em objeto de estudo e matéria-prima criativa? Como resultado do estudo, houve uma reorganização dos objetos: alguns ganharam lugar de destaque na nova casa, enquanto outros foram acomodados em caixas de papelão e, conforme sua utilidade aparece na rotina diária, são levados de uma casa a outra. Neste memorial, descrevo a importância do ateliê do artista, que é um espaço mágico onde muitas obras de arte são planejadas e criadas. Como inovação ou contribuição ao fazer artístico, pude enxergar nos objetos sua utilidade e beleza estética, o que me despertou o interesse de realizar um levantamento gráfico a fim de verificar meios de transformá-los em objetos artísticos, ou na arte final que compõe este estudo. A metodologia utilizada incluiu a investigação e aplicação de técnicas como gravura e *frottage*, dando continuidade ao livro de artista. O resultado foi uma forma de display que acomodou as placas das imagens reveladas na impressora 3D, cobertas por acrílico. Esse trabalho culminou em uma exposição que entrou na categoria de livro de artista. Foi investigado dentro da metodologia escolhida a etnografia¹ como experimento poético, ou seja, a auto etnografia é um método baseado em três orientações: a orientação metodológica, a orientação cultural e a orientação do conteúdo. Assim busco trazer memórias e objetos pessoais para o centro de uma pesquisa onde a matéria prima pode ser obra de arte, objeto de estudo criativo. Vale ressaltar que é importante continuar com a pesquisa, ampliando os formatos de composição dos objetos de memória.

Palavras-chave: Arte. Objeto. Memória. Afetividade. Espaço.

¹ “Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo e pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”)². Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 5).

ABSTRACT

SANTOS, Kelly Saraiva. **The Object as a Memory Narrative**. Memorial - UNESPAR, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2024.

This Memorial is the result of research conducted with objects of memory from a personal collection. The general objective of this research was to give new meaning to objects of great sentimental value that were stored in boxes so that they could be displayed in an environment where they would take the form of works of art and be appreciated by different eyes. Several specific objectives were outlined: to select these objects for the creation of a photo essay; to catalog photographs of the old house; to research using the 3D printing technique; to structure the forms of the floor plan; to readjust the space to accommodate the objects of memory; and to structure an artist's book as one of the creative processes, in search of new forms. The research problem arose from the following question: how can the memories of objects from a personal collection motivated by a move be transformed into an object of study and creative raw material? As a result of the study, there was a reorganization of the objects: some were given a prominent place in the new house, while others were placed in cardboard boxes and, as their usefulness in the daily routine emerged, were taken from one house to another. In this memorial, I describe the importance of the artist's studio, which is a magical space where many works of art are planned and created. As an innovation or contribution to artistic creation, I was able to see in the objects their usefulness and aesthetic beauty, which sparked my interest in carrying out a graphic survey in order to find ways to transform them into artistic objects, or into the final art that makes up this study. The methodology used included the investigation and application of techniques such as engraving and frottage, continuing the artist's book. The result was a form of display that accommodated the plates of images developed in the 3D printer, covered in acrylic. This work culminated in an exhibition that entered the category of artist's book. Ethnography was investigated within the chosen methodology ["Autoethnography" comes from the Greek: auto (self = "in itself"), ethnos (nation = in the sense of "a people or group and belonging") and grapho (to write = "the form of constructing writing")². Thus, even in the mere research of its origin, the word refers to a specific type of doing due to its way of proceeding, that is, it refers to the way of constructing a report ("writing"), about a group of belonging ("a people"), from "oneself" (from the perspective of the one who writes). (SANTOS, 2017, p. 5).] as a poetic experiment, that is, autoethnography is a method based on three orientations: methodological orientation, cultural orientation and content orientation. Thus, I seek to bring memories and personal objects to the center of a research where the raw material can be a work of art, an object of creative study. It is worth emphasizing that it is important to continue with the research, expanding the formats of composition of memory objects.

Keywords: Art. Object. Memory. Affectivity. Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem dos objetos de memória	22
Figura 2 Espaço improvisado para as práticas criativas	24
Figura 3 Venda de lotes de objetos a uma loja de antiguidades.....	32
Figura 4 Planta baixa da casa dos meus pais e apartamento	34
Figura 5 Caixa nº 1 – câmeras fotográficas antigas	36
Figura 6 Caixa nº 2 e nº 3 – pequenos objetos	36
Figura 7 Caixa nº4 – objetos decorativos.....	37
Figura 8 Caixa nº 5 e nº 6 convites e cartas	37
Figura 9 Ângulo de planta baixa - escritório e cozinha do apartamento.....	39
Figura 10 Planta baixa feita em impressora 3D	40
Figura 11 Joseph Kosuth - <i>Uma e Três Cadeiras</i> , 1965.....	44
Figura 12 Livro dobradura.....	46
Figura 13 Ensaio de livro de artista.....	47
Figura 14 Imagem objetos um ao lado do outro em PB	48
Figura 15 Foto álbum de figurinhas dos anos 90.....	49
Figura 16 Impressora 3D fazendo impressões.....	52
Figura 17 Impressão imagem de memória telefone e máquina fotográfica.....	52
Figura 18 Impressão imagem de memória relógio e rádio.....	53
Figura 19 Impressão objeto de memória, rádio.....	54
Figura 20 Gravura objeto de memória, telefone.....	56
Figura 21 Impressão objetos de memória, televisão em material flexível.....	57
Figura 22 Gravura objetos de memória, televisão em material flexível	58
Figura 23 Composição com as gravuras.....	59
Figura 24 Imagem criada por frottage usando giz de cera	60
Figura 25 Composição com as imagens feitas com frottage.....	61
Figura 26 Fichário de mesa.....	63
Figura 27 Suporte display de madeira com impressão	64
Figura 28 Suporte display de madeira com impressão 3D, com acrílico.....	64
Figura 29 Estrutura Accordion da Hide Kyle	65
Figura 30 Foto da disposição dos trabalhos na exposição (entre) tempos.....	66
Figura 31 Frame imagem do vídeo do display e impressões 3D.....	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETOS DE MEMÓRIA	18
3. ATELIER DO ARTISTA	23
4. ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	25
4.1. CATALOGANDO OBJETOS	25
5. DOCUMENTOS DE TRABALHO	32
5.1 ENSAIO DOS OBJETOS	34
6. PROCESSOS DE CRIAÇÃO	38
6.1 CATALOGANDO FOTOGRAFIAS	41
7. LIVRO DE ARTISTA	43
7.1 CRIANDO GRAVURAS	54
8. PROPOSIÇÃO PARA EXPOSIÇÃO	61
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

1. INTRODUÇÃO

Este Memorial Artístico Reflexivo vem de um processo artístico que nasce ainda na Escola de Música e Belas Artes do Paraná² no curso superior em Pintura em 2006, onde surgia ali o interesse pela fotografia. Nessa busca, veio à tona a fotografia de reflexo, seguindo de várias séries criadas com participação em mostras com esse tema. Posteriormente, pela Licenciatura em Artes Visuais na Faculdade de Artes do Paraná³ em 2011, conheci o laboratório de fotografia, onde pude perceber o processo de revelação tanto na fotografia analógica como na de pinhole⁴. Experimentos com filmes fotográficos me levaram ainda mais a tempos memoráveis e de saudosismo onde, muitas vezes, envolvia uma idealização do passado, onde as memórias são tingidas com uma tonalidade romântica e nostálgica. Sendo comum que o saudosismo se manifeste através de lembranças de momentos felizes ou significativos da vida, nos dando desejo de reviver essas experiências ou de recuperar um sentido de conexão entre eles.

O estudo tem como objetivo geral ressignificar os objetos de grande valor sentimental que estavam guardados em caixas para serem expostos um ambiente onde tomassem forma de obra de arte e pudessem ser apreciadas por diferentes olhares. Os objetivos específicos traçados buscaram selecionar esses objetos para a criação de um ensaio fotográfico; catalogar fotografias da antiga moradia; estudar documentos e técnicas a serem utilizadas na criação deste memorial; realizar pesquisa com a técnica de impressão 3D; estruturar as formas de planta baixa; readequar o espaço para acomodar os objetos de memória; e estruturar um livro de artista como um dos processos de criação, em busca de novas formas.

² A Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) é uma instituição de ensino superior localizada em Curitiba, no estado do Paraná, Brasil. Sua história remonta ao final do século XIX, quando foi fundada como uma escola de música. Ao longo de sua história, a EMBAP tem buscado promover a excelência artística e educacional, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação em música, artes visuais.

³ A Faculdade de Artes do Paraná (FAP) é uma instituição de ensino superior dedicada ao ensino e à pesquisa nas áreas de artes visuais, música, teatro e dança. Sua história está intimamente ligada ao desenvolvimento cultural do estado do Paraná. Além de sua função educacional, a FAP também desempenha um papel ativo na promoção da cultura e das artes na região.

⁴ A fotografia de pinhole, também conhecida como fotografia estenopeica, é uma técnica fotográfica que utiliza uma câmera sem lente, onde a luz é direcionada através de um pequeno orifício (pinhole em inglês) em uma lata toda preta por exemplo, para formar uma imagem sobre um material sensível à luz, como filme fotográfico ou papel fotossensível.

Em relação ao problema de investigação foi levantada a seguinte indagação: como as memórias dos objetos de um acervo pessoal motivadas por uma mudança podem ser transformadas em objeto de estudo e matéria-prima criativa?

Entre os trabalhos e mostras realizadas, a licenciatura me abriu as portas profissionalmente para lecionar aulas, primeiramente para Educação Especial e, logo após, para o ensino Fundamental e Médio, quando assumi o cargo efetivo de professora de Arte na Rede Estadual de Ensino Básico no Paraná no ano de 2013. Diante das demandas dessa profissão, o planejamento de aulas, construção de avaliações e atividades diversas, orientação e suporte aos alunos e equipe pedagógica, participação em atividades extracurriculares, além de atualização profissional, sendo que boa parte destas demandas acontecem fora da sala de aula, ocupando muito tempo e gerando desgaste.

Tendo em vista a sobrecarga com trabalhos sendo levados para casa diariamente para cumprir com a demanda existente, se tornou muito difícil dar a atenção devida aos trabalhos artísticos e de pensar em um lugar adequado para armazená-los, necessitando assim guardá-los em caixas, pastas, arquivos, todos na casa dos meus pais onde morava nesse período de estudos acadêmicos. Além do pouco espaço que tinha para realizar as atividades, estava sempre cercada por todo acervo de materiais e arquivos que eu acumulava durante a trajetória como estudante. Quando possível, fazia limpeza e me obrigava a jogar fora o que tinha menos importância na lista das preferências, mas confesso que esta não era uma tarefa fácil, pois dava impressão de que todos eram necessários e, a vontade de tê-los por perto, sem ter que me desfazer de nenhum, era grande. Passei a me enxergar como uma colecionadora de objetos variados, mas que ainda precisava catalogá-los.

As pesquisas sobre fotografia de reflexo seguiram até a pós-graduação em Poéticas Visuais na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 2014, ano em que ingressei com o projeto de fotografia de reflexo e, a cada disciplina eu desdobrava essa fotografia, indo em busca de novos suportes, pois já tinha um arquivo vasto dessas imagens apresentados em mostras e exposições.

Em 2018 tive que enfrentar o desafio de uma mudança saindo da casa dos meus pais que possui 130 metros quadrados, e com terreno totalizando 400 metros quadrados, para ir para um apartamento próprio viver com meu companheiro. Este imóvel fica no mesmo bairro de onde eu morava, pois assim ficava ainda por perto de casa. Foram quase um ano de reformas. Tudo relacionado a arte estava parado, foquei mais nessa

reforma. Mesmo assim, tentávamos colocar um toque de inovação e de arte neste apartamento, mas com pouca opção, pois éramos travados pela falta de espaço, onde temos 47 metros quadrados para colocar nos cômodos tudo o que se necessita em uma nova moradia, ainda adequar o espaço com os objetos de memória afetiva tais como livros, coisas que pouco usamos, mas que gostaríamos de ter por perto.

Em 2022 veio à chance de realizar o Mestrado onde tive nova oportunidade de seguir adiante com esse projeto. Após iniciar os estudos no mestrado em 2022, segui em busca de novos suportes e crescimento do trabalho de reflexo. Mas, diante da escassez do que poderia evoluir ainda com esse trabalho, ele foi sendo alterado no andamento dos estudos. Busquei então algo que me tocasse, que tivesse significado, o que me veio então foram as tantas caixas que estavam sendo carregadas, acomodadas e guardadas pelo caminho, tanto no trabalho quanto nos estudos e na vida pessoal. De certa maneira essas primeiras experiências, esses processos não podiam ser descartados, pois foram uma construção poética de metodologias onde pude desenvolver o atual processo.

Esta pesquisa aqui apresentada se refere a objetos de memória, sendo estes de acervos de minha coleção pessoal, onde nessa mudança de moradia, me deparei com esse impasse: como adequar neste novo local os objetos que são importantes em minha memória e percurso de vida e que não cabem no atual espaço. Para um colecionador, seja de objetos, documentos ou outros “o potencial poético da coleção está nas sensações vivenciadas pelo sujeito colecionador e a possibilidade de estabelecer uma significação entre as memórias ali corporificadas” (POLIDORO, 2009, p. 4).

O projeto poético pode vir ligado ao mundo que nos permeia como diria Salles, pois vejo que sempre tive tendências a sentir saudades do passado ou de eventos, pessoas ou situações, é uma forma de nostalgia profunda e frequente por antigas experiências, muitas vezes idealizando esses momentos e desejando revivê-los. Buscando condições de trazer esses objetos sem que desorganize o espaço que agora habito, pesquiso métodos de trazê-los para ocuparem o atual espaço, mas sem estarem presentes fisicamente.

A escolha por manter os objetos por perto ou de mantê-los guardados, remete a sensação de bem-estar por não conseguir descartar ou de me desfazer deles “são elementos que povoam nossa imaginação, memória e espaço de trabalho, de maneira que o seu estudo e conceituação podem contribuir para a constituição de recursos metodológicos para uma abordagem da arte” (POLIDORO, 2009, p. 5).

Essa busca por um modo de ter esses objetos por perto apareceram e, ao enxergar sua utilidade e sua beleza estética, despertou o interesse em criar processos de criação como a catalogação dos objetos e a realização de um ensaio deles no local onde estão, como uma forma de organização em fotografias da família.

Iniciou-se então uma pesquisa acerca da memória e de artistas que trabalharam os objetos como exposição final de suas obras de arte. Todos estes processos também vieram com a preocupação da preservação desses objetos antes que o tempo os deteriorasse, mantendo viva a memória existente neles, pois cada um tem uma história particular.

Com todas essas documentações em mãos e ao fazer interferências na planta baixa das residências, veio então a questão de imprimir as plantas em escala em uma impressora 3D que eu disponibilizava. Observando a riqueza dos detalhes dessas impressões, este processo foi mais explorado. Deste modo ao explorar essas impressões buscou-se reproduzir também os objetos de memória. O resultado foi satisfatório: as imagens exibiam esse relevo que podia ser usado no processo criativo.

Vemos a impressora 3D entrando neste trabalho como uma tecnologia que pode ser utilizada em contraponto ao trabalho manual. A ao investigar a impressão 3D como matriz e utilizar meios de relevo, vieram outros tipos de estudos ligados a impressão como a *Frottage*, assim como a dobradura, pensando em se remeter às memórias da infância.

Seguindo os processos de impressão, as placas impressas em 3D serviriam como matrizes de gravuras para impressão em papel. Foram usadas tintas com cores fluorescentes que tinham o mesmo cheiro das tintas que eu usava na infância, gerando gravuras que remetem a essa memória do passado. Com o manejo adequado as gravuras resultantes deram resultados satisfatórios nas imagens que se formavam, assim como formavam um relevo no verso devido a força do decalque colocada no papel para se obter uma imagem mais completa.

Escolhidas as placas 3D dos objetos selecionados, foi criado um display em madeira para serem guardadas e expostas, assim como foi criada uma dobradura em papel em zigue-zague que pudesse guardar as gravuras impressas formando um conjunto tanto para as acondicionar como para expô-las.

O modelo escolhido para ser exposto assume a proposta inicial que seria de acomodar esses objetos de memória onde, escolhidas algumas metodologias, esses objetos poderiam assumir o seu cunho artístico.

A definição abaixo de livro de artista despertou em mim uma busca de maior pesquisa e estudos sobre o assunto, uma vez que livro de artista pode ser definido como “[...] obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista e que não se limita a um trabalho de ilustração. Sob sua forma mais livre, o livro de artista torna-se livro-objeto” (SILVEIRA, 2008, p. 25).

Essa forma livre do artista tornar o livro o seu objeto, me fez pensar meu trabalho, como seria se fosse um livro de artista apresentando a obra em seu processo de criação.

A metodologia utilizada incluiu a investigação e aplicação de técnicas como gravura e frottage, dando continuidade ao livro de artista. O resultado foi uma forma de display que acomodou as placas das imagens reveladas na impressora 3D, cobertas por acrílico. Esse trabalho culminou em uma exposição que entrou na categoria de livro de artista. Importante frisar da necessidade de continuidade da pesquisa, ampliando os formatos de composição dos objetos de memória. Como métodos de investigação para futuros processos, podemos ver suportes e superfícies para a criação. Nesse processo veremos outros meios que foram se fundindo para que fosse possível criar possibilidades artísticas que trouxessem esses objetos que ficaram para trás na casa de meus pais, mais para perto de onde estou atualmente.

A metodologia deste estudo traz a autonarrativa ou autobiografia como formação docente uma significação maior de aspectos essenciais da narração do autor que busca descrever sua própria história como objeto de estudo, ou seja, parte das narrativas de vida como poética do narrador-autor. As autonarrativas tornam-se mais complexas as heranças ou as memórias trazidas pelo autor como forma de estudo científico. As narrativas podem se tornar científicas a partir dos significados dados a elas.

A forma metodológica de escrever e defender a narrativa pessoal, a subjetividade e a reflexividade de pesquisa e estudos por meio do Experimento poético auto-etnográfico, me trouxe grande satisfação e me levou a me debruçar sobre a criação. Busquei enfatizar a importância de cada objeto e as memórias que cada um carrega como forma de transformação e ressignificação do objeto.

A pesquisa está organizada em capítulos sendo o primeiro dedicado a definição, conceito e abordagens diversas acerca da memória e objetos de memória. O segundo capítulo discorre acerca do atelier de artista como espaço de criatividade e de despertar para novas criações artísticas. O terceiro capítulo aborda sobre as estratégias de trabalho e a catalogação dos objetos a serem expostos como arte, dando a cada um seu verdadeiro valor. O quarto capítulo relata sobre os documentos de trabalho e como foi

preparado e aplicado os ensaios sobre os objetos escolhidos. E o quinto capítulo traz a essência da pesquisa com nos processos de criação de forma mais específica e a forma de catalogar as fotografias. O sexto capítulo traz abordagens significativas sobre o livro de artista e a criação de gravura. O último capítulo traz o passo a passo sobre a proposição para exposição, a forma e local onde foram expostos.

2. OBJETOS DE MEMÓRIA

A memória é uma capacidade que os seres humanos possuem de armazenar e recuperar informações. Ela é essencial para o nosso funcionamento e nos permite aprender, tomar decisões e interagir com o mundo ao nosso redor. Ao longo do tempo, a compreensão da memória evoluiu e mudou, refletindo os avanços nas neurociências e na psicologia. Existem vários tipos de memória, entre elas estão a memória implícita e explícita, também pelo tempo em que armazenam informações como a memória de trabalho, a memória curta e a memória de longa duração. “A maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente. Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança” (LE GOFF, 1990, p. 12).

A memória de curto prazo nos permite lembrar de informações por um curto período de tempo, enquanto a memória de longo prazo nos permite armazenar informações por um período mais longo. “Cada indivíduo, sob a força do acontecimento e da história, possui recordações e esquecimentos específicos que, de algum modo, indiciam quem ele é” (VILELA, 2012, p. 9).

Quanto à memória ainda, elas podem ser explícitas ou implícitas: “as memórias explícitas ou declarativas são aquelas que armazenam fatos e sua aquisição está associada à plena intervenção da consciência. Através dela podemos relatar situações cotidianas” (SOUZA; SALGADO 2015, p. 2). A memória explícita é a capacidade de lembrar fatos e eventos específicos, enquanto a memória implícita se refere à habilidade de aprender habilidades e hábitos, como andar de bicicleta ou digitar: “A memória é um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal e por guiar em maior ou menor grau nosso dia a dia, está relacionada a outras funções corticais” (MOURÃO JUNIOR; FARIA, 2015, p. 2).

A vivência adquirida com os objetos de memória é essencial para construir a relação com cada um deles, cria-se um laço de pertencimento e de afetividade que, muitas vezes, torna-se difícil explicar com palavras, somente vivendo a experiência para sentir como é essa relação de trocas e sentimentos.

Além disso, a memória é afetada por fatores como idade, emoções, estresse e saúde. À medida que envelhecemos, a capacidade de lembrar informações pode diminuir. Fazemos e lembramos de coisas que sabemos, não daquilo que desconhecemos, ou seja, só é possível resgatar aquilo que está em nossa memória. “Também não estão à nossa disposição os conhecimentos inacessíveis, nem formam parte de nós episódios dos quais esquecemos ou os quais nunca atravessamos” (SOUZA; SALGADO, 2015, p. 2).

As questões relacionadas à memória estão diretamente vinculadas ao esquecimento e ao testemunho que, de acordo com Vilela (2012, p. 4): “O testemunho poderá ainda possuir um registo verbal ou um registo não verbal, como por exemplo, a fotografia”. Os registros de certo modo, permitem que as memórias não sejam esquecidas, sejam registros fotográficos, audiovisuais, escritos, desenhos, maquetes, entre outras criações diversas que motivam um artista colecionador a se debruçar sobre sua criatividade, sensibilidade e emoções.

Sobre o testemunho vale destacar que este supõe uma complexa trama de registros, são abordagens históricas, jurídicas, sociológicas, antropológicas, religiosa, literária e outras, como uma reconstrução linear dos fatos. (VILELA, 2012, p. 4). A compreensão dos diferentes tipos de memória e dos fatores que afetam sua capacidade de armazenamento e recuperação nos permite explorar mais profundamente a complexidade do nosso cérebro e melhorar nossa qualidade de vida:

As coleções guardadas pelos indivíduos, com sentidos pessoais, estabeleciam relação com registros de memória ou algum registro de permanência das coisas, em certo ciclo de vida, como suportes para a comunicação em processos de interação. (LOPES, 2015, p. 2)

Objetos de memória são itens que carregam um significado especial e emocional para uma pessoa, geralmente por estarem associados a experiências significativas do passado. Esses objetos podem ser uma fotografia, um bilhete de viagem, um presente especial ou até mesmo um objeto que pertencia a um ente querido que já faleceu. Conforme explica Didi-Huberman (2012, p. 5) “cada memória está sempre ameaçada pelo esquecimento”.

É importante refletir sobre como muitas memórias são preservadas ao longo dos séculos, outras podem ser esquecidas devido a não preservação de seu estado, muitas obras são queimadas, extraviadas, e tantos outros incidentes que levam a sua eliminação e esquecimento.

Os objetos de memória podem evocar sentimentos intensos, trazendo à tona lembranças de momentos felizes ou tristes da vida de uma pessoa. Eles podem ser usados para ajudar a lidar com a dor e a saudade de pessoas e lugares que não existem mais, bem como para relembrar momentos de felicidade e gratidão. Ao mesmo tempo em *Gesto Inacabado* Salles propõe que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. Memória é ação”. (SALLES, 2011, p. 105).

Podem assumir diferentes formas e significados, dependendo da pessoa e da experiência envolvida, há ação nos atos de repensar a memória. Algumas pessoas podem ter objetos de memória que representam um período de sua vida. Outros podem ter objetos que representam um relacionamento significativo, como um anel de noivado ou um colar que ganharam de um ente querido (DIDI-HUBERMAN, 2012).

Podem ser passados de geração em geração, tornando-se uma parte importante da história familiar. Eles podem ajudar a manter viva a memória de pessoas e experiências passadas, transmitindo as histórias e os valores de uma família de uma geração para outra. Podendo também se tornar um fardo emocional para algumas pessoas, especialmente se eles estão associados a lembranças dolorosas ou traumáticas. É importante lembrar que nem todas as lembranças precisam ser mantidas fisicamente e que, às vezes, é saudável abandonar os objetos de memória que trazem mais dor do que alegria. “A emoção acompanha eventos novos e julgados importantes para o indivíduo, direcionando a atenção para eles, de forma que melhora a consolidação do evento na memória” (SOUSA; SALGADO, 2015, p. 5).

Em suma, estes objetos, são uma parte importante de como as pessoas lidam com o passado e mantêm viva a memória de pessoas e experiências significativas. Eles podem trazer conforto e alegria, bem como ajudar as pessoas a processar e superar momentos difíceis. De acordo com Augé (s.d, p.7):

[...] o esquecimento é tão necessário à sociedade como ao indivíduo. É preciso saber esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera, mas a própria memória tem necessidade de esquecimento: é preciso esquecer o passado recente para reencontrar o passado antigo.

Esses objetos trazem consigo uma questão sentimental onde somente sua presença pode aquietar o coração somente por sua existência. O que sinto com esses objetos é o sentimento de não querer que eles se deterioreem, um desejo nostálgico de algo que o tempo faz diante do desuso, não podendo trazer para o lugar que moro por falta de espaço.

A memória é um elemento fundamental na construção da identidade individual e coletiva de uma família. As memórias vividas e transmitidas de geração em geração são importantes para entendermos nossas raízes, nossas tradições e valores. Estas memórias vão trazendo as recordações que muitas vezes carregamos conosco durante toda trajetória de vida. São recordações que muitas vezes carregam um valor imensurável “a que damos mais valor porque nos firmam na certeza da nossa contingencia, da nossa identidade” (AUGÉ, s.d, p. 29).

As recordações, as memórias familiares e lembranças nos conectam com nossos antepassados, nossas origens e nosso passado, trazendo à tona quem somos. Minha história está totalmente ligada à minha trajetória de vida e de quem veio antes de mim. As memórias familiares podem ser transmitidas oralmente, por meio de histórias contadas pelos mais velhos, ou por meio de objetos de família que passam de geração em geração. Essas memórias ajudam a preservar a identidade e a cultura familiar, além de servir como um ponto de referência para as futuras gerações. Além disso, as memórias familiares são uma fonte de aprendizado e inspiração. Elas podem nos ensinar sobre as lutas e conquistas de nossos antepassados, seus valores e princípios, bem como nos inspirar a seguir seus passos e buscar nossos próprios objetivos.

As memórias vividas em família também são importantes, pois são momentos únicos e especiais que não podem ser reproduzidos. Elas podem incluir momentos de celebração, bem como momentos mais simples, como refeições em família ou passeios juntos. Eu considero essas memórias valiosas porque ajudam a construir laços afetivos e fortalecer a união da família. Neste sentido, sem os devidos registros, as memórias podem ser esquecidas. Sobre este aspecto Vilela (2012) destaca que o esquecimento pode ser definido como perda de recordações.

No entanto, as memórias familiares e vivenciadas, podem ser esquecidas ou perdidas ao longo do tempo. Por isso, é importante preservá-las e documentá-las, seja por meio de fotografias, diários e álbuns de família. Esses registros podem ser compartilhados e transmitidos para as futuras gerações. Por isso venho em busca desses registros para transformar o trabalho ainda mais poético.

Foram escolhidos os objetos aleatoriamente, pensando neles como memória afetiva, onde ambos estiveram no processo de escolha daqueles que iriam para casa nova e do que não iriam, e que tiveram algum significado, seja ele como objeto que foi usado pela família, ou até mesmo sendo minha aquisição em algum momento. Houve uma reflexão sobre as memórias associadas pensando nos objetos, o quanto são significativos, o que representam na minha história pessoal, relacionamentos ou momentos importantes acontecidos, feita essa identificação destes objetos, pensei em valor emocional os intimamente ligados as minhas memórias e experiências pessoais.

Em cada objeto selecionado foi explorado as histórias e significados por trás deles, e as lembranças associadas, e a importância para mim. Penso aqui nesta pesquisa como uma exploração de alternativas de preservar e honrar essas memórias mesmo sem os objetos físicos e apesar que eles tenham um valor tangível, o verdadeiro significado está nas memórias e nas histórias que eles representam. Assim encontro formas de manter viva essa conexão emocional, mesmo sem os objetos materiais. Foram esses objetos pensados inicialmente para essa pesquisa como vemos na figura 1.

Figura 1



Imagem dos objetos de memória – Fonte da autora

3. ATELIER DO ARTISTA

O ateliê do artista é considerado por alguns um espaço sagrado onde a criatividade e as inspirações fluem livremente. É o lugar onde as ideias ganham vida, onde o artista trabalha com suas ferramentas e onde as obras de arte são criadas. Mas, além disso, o ateliê do artista também é um espaço de memórias, repleto de objetos que carregam significados e histórias especiais. Nas palavras de Santos (2010, p. 7) a definição de ateliê está atrelada ao espaço de criação do artista é onde as indagações são materializadas, podendo ser espaço improvisado ou pensado com a intenção de obtenção de espaço de criação.

Os objetos de memória no ateliê do artista podem variar desde materiais de arte, como pincéis, tintas e telas, até objetos pessoais como fotografias, livros e recordações de viagens. Cada objeto tem sua própria história e seu próprio significado que se torna parte da história do artista e da sua obra: “Imagens e texturas são capturadas, apropriadas: pelo desejo de possuí-los, mas também por encontrar neles a possibilidade de um trabalho, que pode ou não se concretizar” (POLIDORO, 2009, p. 10).

Esses objetos podem servir como fonte de inspiração para o artista, trazendo à tona memórias e sentimentos que ajudam a moldar a criação da obra de arte. Eles também podem servir como um lembrete da jornada criativa do artista, representando as diferentes fases e períodos de sua vida e de sua carreira. Sobre os objetos guardados vale destacar que “guardados são os objetos que mantemos perto de nós por alguma seleção: estética, emocional ou até financeira, mas também não é só isso. É o objeto que temos conosco e que por isso tem a nossa marca, conta histórias e acaba sendo um guardador de memórias” (SANTOS, 2010, p. 13).

Além disso, os objetos de memória podem ser incorporados às obras de arte, criando um diálogo entre o passado e o presente. Eles podem ser usados como elementos de composição, como referência ou como uma forma de homenagear as pessoas e lugares que tiveram um papel significativo na vida do artista. Neste sentido vale ressaltar o pensamento de Salles (1990, p. 227) “O mundo insiste, teimosamente, o criador percebe esse mundo, e a obra vai surgindo da elaboração e estruturação dessa percepção - através da mediação de esquemas interpretativos”.

Mas, acima de tudo, os objetos de memória no ateliê do artista são uma forma de manter viva a memória e a identidade do artista. Eles contam uma história sobre quem

o artista é, de onde ele veio e o que o inspira, adicionando camadas de significado e profundidade à sua obra. O ateliê do artista é um lugar onde a arte e as memórias se encontram. São objetos que compõem uma parte importante desse processo, trazendo uma dimensão emocional e pessoal ao espaço criativo do artista. Eles são uma fonte de inspiração, uma forma de manter viva a sua memória e identidade através da sua obra de arte. Vale ressaltar que a memória não conserva o passado, ela pode reconstruir a partir de acontecimentos do presente e mesmo quando uma lembrança é pessoal, estará ainda assim em consonância com o conjunto de valores sociais (SOUSA; SALGADO, 2015).

Pela falta desse ateliê, esse meu espaço poético, no local onde eu morava na casa dos meus pais, um espaço separado da casa deles, com certa privacidade, dividindo um espaço entre a cozinha e lavanderia, pude criar, mexer, revirar. Como podemos observar na figura 2, sempre procurei trabalhar com pesquisas poéticas e me alternar entre os estudos das disciplinas da faculdade. Creio que também contenha esse saudosismo, esse sentimento de nostalgia ou saudade de algo que já passou, pelas experiências vividas nesta casa, onde desde o nascimento vivi.

E agora vivendo em um lugar menor, talvez seja esse o impacto da mudança, me fazendo pensar em poéticas capazes de trazer esses objetos, do espaço anterior, para se juntar a mim.

Figura 2



Espaço improvisado para fazer as práticas criativas na casa dos meus pais - Fonte da autora

4. ESTRATÉGIAS DE TRABALHO

4.1. CATALOGANDO OBJETOS

Trabalhei por muito tempo em uma escola onde eu me identifiquei com o local em que guardava figurinos e objetos para apresentações de dança, teatro entre outras. Não era um lugar muito planejado para guardar objetos, então o uso de caixas de papelão para acomodá-los era frequente. Muitas sem uso foram guardadas por anos e sendo modificadas com o tempo, porém algumas intactas, elas estavam lá esperando o seu uso que nem sempre aconteceu.

E com o decorrer dos anos, caixas de uso pessoal também ocupavam os espaços do trabalho com livros, papéis, objetos de estudo, enfim, no final do ano havia sempre a preocupação, para onde levar todas essas caixas? Em algumas nem sempre cabiam o que era destinado a elas, não se ajustavam para o material que continham. Foram se ajustando, se estragando, sendo manipuladas, deteriorando. A minha paixão por colecionar diversos objetos estava muito atrelada ao pensamento de Polidoro (2009, p. 10): “É preciso recolher e conservar materiais, ao considerar que podem ter utilidade em algum momento futuro”.

E as caixas foram parar onde elas eram aceitas, na casa que eu habitava antes de me mudar, a casa de meus pais, sendo estas novamente manipuladas e organizadas e sempre que possível fazendo uma limpeza, neste espaço, descartando o que não usava, doando ou vendendo etc. Sobre o uso da moradia para catalogar coisas vale destacar a definição que apresenta Santos (2010, p. 24) sobre a casa um espaço que vai além de ter um teto para dormir, comer e fazer as atividades rotineiras, é preciso que este espaço traduza relações de afetividade, de memórias, como espaço de pertencimento, acolhimento, segurança.

Mesmo para os objetos que não couberam sobre os móveis ou prateleiras planejadas, mas que de algum modo estavam acomodados em caixas, para usar quando necessário, estava ali registrado um sentimento, uma memória, um apego em cada peça. Já para o uso de objetos necessários mais urgentes, as caixas iam para o apartamento, a nova moradia, e logo após seu uso voltavam para a casa de meus pais onde este lugar

seria como se fosse um depósito. Como separar esses objetos, como diria Cadór, podendo ser listados para classificação:

A enumeração e a disposição de dados em forma de listas podem servir para classificar objetos segundo critérios variados, desde a ordem alfabética ou o tamanho das palavras até mesmo uma ordem cronológica de fatos e eventos podem ser considerados (CADOR, 2016, p.75).

Sempre tentei separar objetos pelos seus usos, tamanhos, ou necessidades, porém nunca satisfeita com essa formatação, de vez em quando eu fazia essa categorização e, neste intervalo de tempo na mudança, foram vendidos, doados, postos ao lixo, como podemos ver na figura 03, alguns itens a serem vendidos. “É o sonho de ter aquelas ferramentas todas, aquelas bugigangas todas, lá, estocadas. Enfim, coletadas. Basicamente é isso, ter paz, inspiração e ferramentas.” (ARTUR OMAR in SANTOS, 2010, p. 34).

Em relação aos objetos guardados vale destacar que as lembranças em nossa mente, alma e imaginação são vivências e, portanto, fazem parte de nossa história. Muitas dessas lembranças estão associadas a afetividade e memória, com peças especiais. “Algumas pessoas não gostam de se lembrar do passado, outras não têm objetos supérfluos e muitas não podem nem possuir coisas, mas é inerente ao ser humano ter por perto alguns objetos que consideram especiais” (SOUZA, 2010, p. 33).

Toda vez que revisito esse espaço sinto que ainda preciso me desfazer dos objetos. Porém o apego emocional, ou simplesmente o pensamento que um dia terá uso, fala mais alto e as coisas só tendem a mudarem de lugar. “Criamos ambientes e colocamos neles coisas que nos ajudam: ferramentas para o trabalho, lazer, cotidiano, lembranças. Nossos lugares no mundo estão repletos de nossas histórias que são contadas pelos objetos que elegemos para estar conosco” (SANTOS, 2010, p. 33).

Ao rever esse lugar, busco elaborar meios de entrelaçar a pesquisa com essas imagens dos objetos em caixas e um modo de tê-las por perto, sem que ocupem o espaço real, agora o espaço de memória. “A fenomenologia vê o objeto não só como o ente que se manifesta, mas como o ser que nele se apresenta através de nossa percepção e do nosso próprio ser no mundo” (SANTOS, 2010, p. 34).

Com a dificuldade de visitar esses lugares, pois queria ter levado tudo, e deixado o espaço vazio para que meus pais possam utilizar como espaço comum deles. Este espaço me traz o passado, lembranças de tempos que não voltam, memórias vivas de momentos com minha família. Não poderia deixar de falar destas caixas, pois analisando

essas idas e vindas, mudanças e lembranças, elas sempre estão presentes, seja subjetiva ou representativamente, uma questão de perda de espaço.

Viver intensamente estas emoções entre passado e presente, entre resgate de objetos importantes que podem ser utilizados a qualquer momento, remete ao que apresenta Le Goff (1990, p.13). viver entre objetos do passado e também entre os contemporâneos, adquiridos para nova casa, me vejo como uma colecionadora e amante de objetos dos mais variados tipos, e de certa forma tudo isso traz um pouco do passado para o presente. Viver esse misto de sentimentos para um colecionador não tem preço. Todo bom colecionador sempre traz objetos antigos para sua vida, mas não deixa de adquirir objetos contemporâneos, atuais, pois estes serão as velharias do futuro. Assim como o colecionador consegue enxergar nos objetos a sua graça e alguma utilidade, mesmo que seja apenas para expor e admirá-la.

O colecionismo creio que esteve sempre presente na família, sendo herança de meus pais, esse hábito de colecionar, guardar coisas, especificar, juntar seus semelhantes. Penso que esse costume foi se dando por estar sempre por fazer essas distinções com os objetos, houve certo comodismo de ver, identificar e separar, enfim, sem muito êxito, os objetos só mudam de lugar.

Sobre o artista colecionador vale ressaltar que ao escolher estar entre objetos de memória “suas coletas e guardados ficam pelo ateliê não só por deleite estético, como também para ser uma espécie de memorial para a construção de seus trabalhos, objetos que aparecem ou não em suas obras” (SANTOS, 2010, p. 38).

Pensando no colecionador, nestas questões que trago de como separar e classificar os objetos de memória reflito também sobre o ato de colecionar e em administrar as coleções, como selecionar, juntar objetos, investigar sua própria coleção. De acordo com Sanchez (1999, p. 117) o colecionador tem o hábito de acumular “tudo que pertence a certa série com um espírito perseverante; investe energia na investigação e na aquisição de documentos correspondentes ao âmbito escolhido. Com uma visão salvadora, recolhe, seleciona, combina, conserva, classifica”.

No lugar que eu ocupava anteriormente na casa dos meus pais, ficaram esses objetos, utensílios, produtos, exemplares de coisas guardadas por tanto tempo, pensando em um dia de me instalar em uma casa maior com espaço para dispor destes objetos, colocá-los em prateleiras, em um espaço adequado de exposição para apreciação.

Nas palavras de Celeri e Pereira (2018) é fundamental destacar o conceito sobre estes espaços dentro do lar que é o lugar de refúgio para descanso, mas “também possui espaços que representam o refúgio de emoções — sótão, porão, corredores — [...]. Trata-se não apenas do consciente, mas das relações entre espaço e inconsciente em a leitura da realidade” (CELERI, PEREIRA, 2018, p. 1).

Sempre me perguntava por que colecionar coisas, vejo que somente pelo ato de reservar um tempo e procurar caixas adequadas para os objetos que tinha em casa ou no trabalho, posso aspirar questões que cercam que este ato pode ser considerado também um ato de colecionar caixas, onde nem sempre eu saberia o que colocar nelas, mas mesmo assim eu ia guardando, a espera que coubesse objetos que precisam de proteção. Sobre o motivo os quais as pessoas colecionam podemos citar José Rogério Lopes (2010, p. 2) que afirma ser tão antigo o hábito de colecionar quanto a consciência humana. Nas palavras de Bataille (1987) colecionar está associado a um sentido de permanência, em que as pessoas passam a exteriorizar a sua existência em objetos.

Caminhando por pensamentos que o colecionismo é do ser humano e que pode ser para fins civilizatórios de socialização, ou vivências de uma época vivida, e que a disposição destes objetos dispostos no mundo pode servir para o desenvolvimento da inteligência humana e a comunicação entre os indivíduos. Nesse sentido, “se colecionar é uma prática civilizatória, a relação entre colecionismo e ciclos de vida seria constitutiva do processo de formação existente em cada cultura, o que desdobra essa hipótese para pensar várias dimensões da relação” (LOPES, 2010, p.5).

Porém, os motivos de se colecionar podem ser diferenciados como, por exemplo, a paixão ou interesse onde determinado tema, hobby ou período histórico acaba sendo extremamente explorado pelas pessoas, ou apenas pela nostalgia onde se coleciona itens relacionados a períodos específicos de suas vidas onde pode-se evocar sentimentos de nostalgia conectando seu colecionador ao passado. Algumas pessoas colecionam por mero investimento, onde alguns itens colecionáveis podem valorizar com o tempo e oferecer um grande retorno financeiro. Outros podem colecionar por status e prestígio como forma de demonstrar seu nível social prestigiado ser símbolo de riqueza como, por exemplo, uma coleção rara. Nas palavras de Cadot (2016, p. 123) a palavra colecionar se deriva do latim *colligere*, que significa escolher e reunir, ou seja, retrata uma forma pessoal de produção de um arquivo pessoal.

Algumas pessoas podem colecionar por se proporcionar uma maneira de se conectar com outras pessoas que compartilham o mesmo interesse. Comunidades

dedicadas a diferentes tipos de coleções, podem trocar informações, comprar, vender e trocar itens. Para muitas pessoas, colecionar é uma atividade divertida e gratificante. A busca por itens raros ou a descoberta de peças únicas pode ser emocionante e proporcionar um senso de realização, simplesmente por entretenimento e diversão.

A criatividade e a expressão também podem motivar alguns colecionadores que veem sua coleção como uma forma de se expressar. Eles podem criar exposições ou organizar seus itens de maneiras únicas e artísticas. A preservação da História e Cultura também pode levar algumas pessoas a colecionar itens assim relacionados para preservar o passado. Isso pode incluir documentos antigos, artefatos, livros ou outras peças que têm significado histórico ou cultural.

A pesquisa e aprendizado envolvidos quanto a coleção podem estimular o cérebro, proporcionando um desafio intelectual ao identificar itens, estudar sua história e avaliar seu valor, ajudando o estímulo mental. Quanto ao controle e ordem, para algumas pessoas, a coleção oferece um senso de controle e ordem em um mundo muitas vezes caótico. Organizar e categorizar itens pode trazer uma sensação de realização e tranquilidade.

Difícil é classificar o nível de colecionador que me enquadro e o uso para categorizar os itens, os objetos colecionados e guardados. Vejo me enquadrar um pouco em cada categoria só valendo menos a questão de investimento, status e prestígio, o qual não me enquadro. Vejo que as pessoas colecionam por uma variedade de razões pessoais, que podem incluir paixão, nostalgia, investimento, status social, conexão com comunidades, entretenimento, criatividade, preservação cultural, estímulo mental e senso de controle. Cada coleção é única e reflete os interesses e motivações individuais do colecionador. Ao tentar trazer esses objetos para próximo, optando pela sua imagem ao invés do objeto, pensando na falta de espaço, podemos observar essa diferença de colecionar estas imagens dos objetos trazendo o pensamento de Cadot (2016, p. 124) “um objeto pode ter seu valor definido pelo material de que é feito, pelo seu acabamento, enquanto a maioria das coleções de imagens utiliza o papel como suporte, um material muitas vezes ordinário”.

Por isso pegar os objetos, separar, catalogar, fotografar e buscar meios de trazê-los, por imagem, assim podemos pensar a imagem vindo de outra forma em outro contexto sobre as “imagens, retiradas de seu contexto original e de sua função comunicativa, são como os objetos em um museu, que perdem sua função original quando são incorporados à coleção” (CADOR, 2016, p. 130).

O livro coloca lado a lado o que estava longe geograficamente, e aproxima o que estava distante no tempo. É justamente essa distância sobre os objetos de memória estarem localizados no tempo, muitas vezes bem remoto ao que eu vivo atualmente, é que eu busco aproximação com eles podendo ser nesta forma de livro. E isto pode ser realizado com a fotografia conforme descreve Cador (2016, p. 139 - 140). A fotografia permite olhar de outra forma para as esculturas, pela ruptura em escala, pelos ângulos estranhos ou efeitos teatrais de iluminação, pelas possibilidades de corte e enquadramento, o uso de grandes planos e close-ups. Somente a fotografia consegue esses olhares diferenciados e necessários para visualização de tão valiosos objetos de memória que ficaram para trás.

Em meados de 2018, mudei-me para um apartamento, localizado na rua Wanda Wolf, Bairro de Santa felicidade, no município de Curitiba no Estado do Paraná, próximo a casa de meus pais, local esse que faz divisa com a cidade de Almirante Tamandaré e possui aos arredores muitas chácaras sendo um lugar tranquilo, sem muitos ruídos da cidade. Trata-se de um imóvel antigo e pequeno, porém bem planejado quanto aos móveis, tendo poucos andares na sua construção, o que não se vê atualmente nos condomínios construídos. Infelizmente, para o atual momento, o tamanho de moradia não era o esperado, porém me contentando com o que pude adquirir.

Ao ir e vir de caixas, me chamou a atenção pela quantidade de pertences que ficaram na casa de meus pais, mesmo eu sempre tentando me desfazer de tantos objetos. O que me fez ir a esse percurso poético, buscando meios de trazer os objetos de memória para esse lugar que agora habito. O desejo de estar cercada pelos objetos remete a sensação de não estar os abandonando, de tê-los por perto e de fazer parte do meu dia a dia e “essas formas de exteriorização e afeição se diversificam na razão pela qual as coleções possibilitam aos indivíduos constituírem redes de sociabilidade” (LOPES, 2015, p. 2).

Além do valor afetivo e de querer que estes objetos façam parte do meu dia a dia, deparei-me com esses objetos de memória como produto a ser explorado, logo, analisando o quanto estes objetos são importantes, venho agora tentar me aprofundar por esse caminho, rastreando meios artísticos de trazer estes na nova moradia. Neste sentido, as coleções extrapolam a correspondência de ser e estar entre seus colecionadores, como se fosse um ciclo de vida em que se originou, mas foi ao longo dos anos ganhando novos significados, referências, sentido, afetividade que se

estendem por anos como peça de uma coleção, por vezes muda de proprietário, mas continua sendo um objeto desejável e com seu valor (LOPES, 2015).

Trazer o necessário não foi nada fácil, sendo agora os espaços mais limitados e como a diferença de um ambiente para o outro era grande, esses ambientes comuns deste novo espaço eram menores e também sendo partilhado com outra pessoa.

Procuro associar as coleções que tenho de diversos tipos de objetos de memória aos antigos gabinetes de curiosidades⁵, que eram espaços onde as pessoas colocavam seus objetos de coleção para que os amigos e pessoas da comunidade pudessem apreciar, normalmente objetos raros, curiosos e heterogêneos, ou seja que não é uniforme, que possui suas deformações, variedades e desigualdades. Os gabinetes de curiosidades podem ser definidos como “um “microcosmo”, um compêndio do universo. Um gabinete é então o universo inteiro que se pode ver de um só golpe, é o universo reduzido, por assim dizer a dimensão dos olhos” (RAFFAINI apud MOTA, 2019, p. 16).

Organizá-las para expor aos amigos e familiares que recebo em casa foi uma forma interessante de distribuí-las em cada ambiente da nova casa. De certo modo estou dando a cada objeto escolhido uma nova função, que é ser peça decorativa, além do valor afetivo e das singularidades que os cercam.

A imagem demonstra como estavam armazenados nestas caixas revelando por meio da fotografia as condições de preservação dos objetos de memória, tamanho, formato, cor, entre outros detalhes que muitas vezes não é possível descrever em palavras, ou que faltou relatar por meio da escrita. Neste sentido vale ressaltar a importância da fotografia para o artista que está em processo de criação de seu livro de artista que, conforme afirma Queiroz, Sá e Damasceno (2023, p. 5) “a fotografia, [...] passou a ter um status de maior credibilidade, não só por representar o real como ele se apresenta, mas por permitir que a imagem fosse um elemento passível de interpretação, para além do que estava escrito no texto histórico”. Por isso a escolha em representar algumas realidades deste meu acervo pessoal por meio da fotografia, que irá trazer todas as riquezas peculiares deste contexto.

⁵ Os gabinetes de curiosidades surgem por volta dos anos 1500 como um tipo especial de coleção. São conhecidos também como quartos das maravilhas. (MÜSH, 2001).

Figura 3



Venda de lote de objetos a uma loja de antiguidades. - Fonte da autora

Como fazer a organização destes ambientes e quais objetos levar e quais abandonar? Como Ressignificar esses objetos de memória refletindo através de experiências imagéticas geradas no processo de criação de uma obra de arte? Olhando para a beleza representada em cada fotografia ficou ainda mais difícil esta escolha, pois as fotos me traziam complemento e comprovação de detalhes e beleza das quais eu admiro muito e carrego sentimentos profundos de apego, gratidão, nostalgia (QUEIROZ; SÁ; DAMASCENO, 2023).

Sobre as questões de armazenamento e documentação que o artista pode usar como registro destas experimentações, SALLES (2011, p. 27) define documentos de processo como registro de experimentação, “deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas”. O Tratamento que alguns artistas têm com os documentos de trabalho, nos faz refletir a importância destes para o processo criativo.

5. DOCUMENTOS DE TRABALHO

Sobre a importância do levantamento de questões que cercam o documento de trabalho do artista trazem uma abordagem dada ao estudo como forma metodológica, que aponta “perspectivas de estudo e aspectos relativos à caracterização desses documentos” (GONÇALVES, 2020, p. 20). Vale destacar a importância destes

documentos como textos, esboços, que podem fundamentar uma obra, podendo descrever o trabalho final, a obra do artista. Por isso minha intenção em levantar documentos de trabalho, que cercam os dois lugares pesquisados, a casa onde morei e o atual apartamento onde moro, organizei assim algumas ações para pesquisar e realizar como processo de trabalho. Sobre o documento de trabalho é importante refletir que o motor de produção, ou a inspiração e organização de todo processo de criação de um trabalho de arte é para mim documento, sendo ele algo “material ou imaterial, objeto ou lembrança, como documento de trabalho ele informa e indica rotas de sentido tanto relativas ao trabalho circunstancial quanto, de forma mais ampla, em relação à arte e seu ofício” (GONÇALVES, 2013, p. 4).

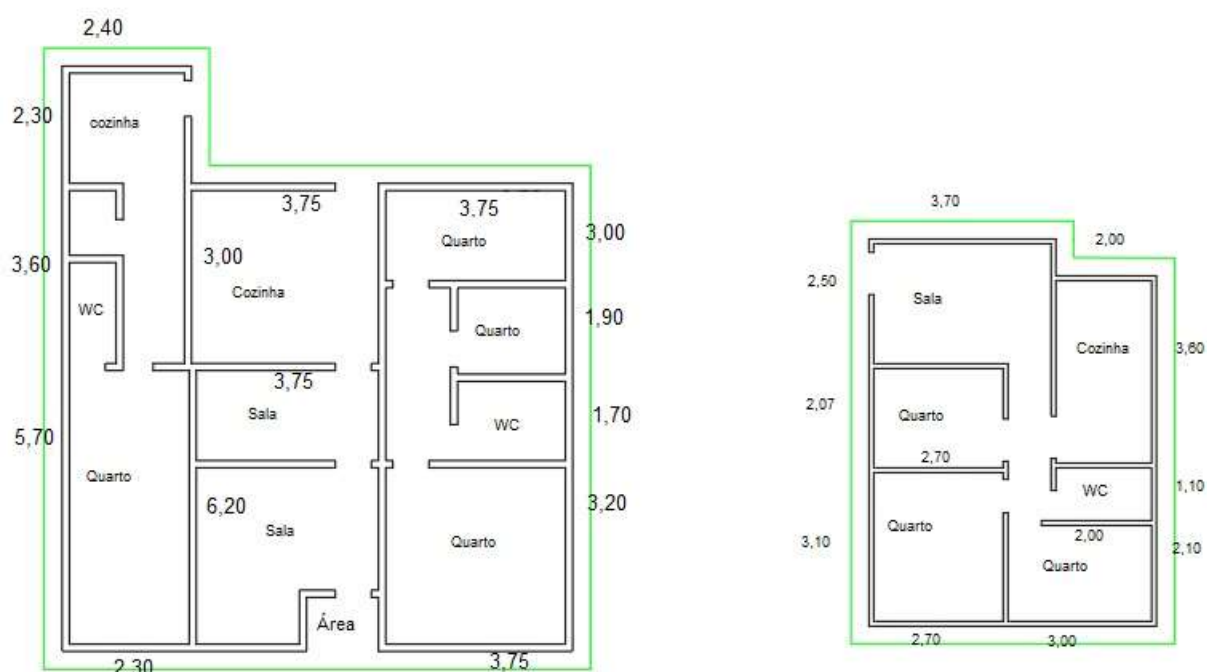
Um documento de trabalho é o objeto da obra e, como tal, ele não é evidente e palpável, mas muito mais percebido como esforço e construção. O que quer que seja reconhecido como documento de trabalho deve ser lido, relacionado e, às vezes, reinventado, para que seu potencial possa ser compreendido. A surpresa com o que estava sempre ali marca o encontro com um documento de trabalho. E a partir disso devemos trabalhar essa descoberta de modo crítico, colocando-a em perspectiva com suas possíveis consequências (GONÇALVES, 2013, p. 4).

Sendo assim o espaço de trabalho também é outro elemento importante na criação, pois todo esboço realizado inicialmente para esta pesquisa estava ligado a desenhos, fotografias, impressões, trazendo um pouco do que afirma Gonçalves (2013, p. 4) “o espaço de trabalho de um desenho (um papel ou suporte qualquer) é como uma área em construção onde cavamos, encobrimos e demarcamos pequenos territórios”.

Ainda sobre esse o documento de trabalho Polidoro (2009, p. 10) “é possível constatar possibilidades de rupturas, aberturas e interferências que os documentos de trabalho provocam”. É uma investigação que revela dados essenciais a forma de operar de cada artista, contribuindo para uma conscientização de procedimentos investigativos.

Organizei as plantas baixas figura 4, com pretensão de fazer um levantamento arquitetônico da casa de meus pais e do meu apartamento, para trabalhar o espaço de moradia a arquitetura e a memória como veremos na figura:

Figura 4



Planta baixa da casa dos meus pais e do apartamento - Fonte da autora

Esses documentos podem assumir diversas formas, como cadernos de desenho, diários visuais, registros fotográficos, gravações de áudio ou vídeo, entre outros. Ajudam os artistas a explorar conceitos, resolver problemas técnicos, registrar insights criativos e acompanhar a evolução de seus trabalhos ao longo do tempo. Eles são uma parte essencial do processo criativo, muitas vezes revelando o pensamento e o trabalho por trás das obras de arte finais. Além disso, os documentos de trabalho podem servir como fonte de inspiração futura, fornecendo referências visuais ou conceituais para projetos posteriores.

5.1 ENSAIO DOS OBJETOS

A partir da catalogação dos objetos (papéis, artefatos), pensei em realizar um ensaio fotográfico onde pudesse preservar a presença destes objetos de memória antes que o tempo os deteriorasse, para manter viva a memória existente em cada objeto, pois cada um tem uma história. A fotografia neste estudo ganha um sentido importante de registrar as informações, e dentre os vários tipos de documentos ou objetos a serem

utilizados a fotografia “destaca-se por possibilitar a ressignificação e reatualização da realidade motivada pelo olhar do sujeito receptor cuja escolha e enquadramento é fruto do contexto social, político e estético no qual está inserido”. (QUEIROZ; SÁ; DAMASCENO, 2023, p. 10).

Estes objetos catalogados e fotografados trazem as minhas diversas paixões, primeiramente a de colecionadora, admiradora das peças e de enxergar nelas sua utilidade e beleza, mas também de poder fotografá-las, sendo a fotografia outra paixão, pois com ela consigo guardar momentos por meio da imagem e da poesia que as imagens inspiram. “A fotografia sempre será submetida à polissemia dos mais diversos usos e olhares” (QUEIROZ; SÁ; DAMASCENO, 2023, p. 10).

O conceito de fotografia é amplo e uma das definições apontada é “como uma das formas de documentar a sociedade, inserida no ritual do tempo, preserva em si, informações imprescindíveis à pesquisa e à memória” (QUEIROZ; SÁ; DAMASCENO, 2023, p. 5).

De acordo com Bachelard (1993) a transubjetividade da imagem não pode ser entendida apenas pelos hábitos das referências objetivas, mas sim por meio da fenomenologia, que leva em conta “a partida da imagem numa consciência individual - pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem.” (BACHELARD 1993, p. 4).

Para realização deste ensaio achei interessante pegar as caixas com os objetos do modo que foram deixadas, tentei separar por sua classificação, nomeando as caixas para melhor organização e, sem muita iluminação, somente da luz natural presente no lugar. Foram dispostas do jeito que estavam sem pensar em composição e nem mexer nos objetos, deixando baixa a iluminação a fim de preservar a memória das experiências vividas naquele espaço.

Existe certa poesia em todo esse processo criativo, a preocupação em como guardá-las ou conservá-las traz lembranças, resgata emoções diversas. Neste sentido Bachelard (1993, p. 3) afirma que “o poeta não me confia o passado de sua imagem e, no entanto, sua imagem se enraíza, de imediato, em mim. A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica”.

Figura 5



Caixa nº 1 - Câmeras fotográficas antigas – Fonte: Autora

Figura 6



Caixa nº 2 e nº 3, pequenos objetos – Fonte Autora.

Figura 7



Caixa nº4 objetos decorativos - Fonte Autora

Figura 8



Caixa nº 5 e nº 6 convites e cartas - Fonte Autora

Sobre o sentimento do apego a estes objetos de memória, saber que estes objetos existem em algum lugar e que estão preservados, basta para acalmar o coração. Até mesmo na surpresa ao encontrar os que já não lembrava existir e que sua existência faz viva a memória do que este objeto um dia significou, ou esteve em algum lugar, lembrar-se de alguém ou de algum estado de espírito. “As pessoas projetam um sentimento de apego ou afeto às suas coleções, constituído na dinâmica biográfica a condicionar o sentido de preservação e guarda dos objetos” (LOPES, 2015, p.2).

Sobre esse cuidado com os objetos de memória, venho propor esse trabalho a fim de trazê-los para dentro de um lugar onde eles não cabem, portanto trazer sua imagem, seus vestígios, suas proposições. Poder ‘folheá-los’ quando quiser, expor, escrever algo sobre eles e trazer para o papel algo cabível neste local onde nada cabe. “Desde a constituição de um bem colecionável, a passagem de uma área para outra acontece na medida em que a inserção dos objetos em situações biograficamente determinadas torna-os “culturalmente sinalizados como um determinado tipo de coisas” (LOPES, 2015, p. 2).

6. PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Diante destes materiais fiz um ensaio fotográfico (figura 09) nos moldes de planta baixa, queria fazer de um ângulo de cima, como nesta visão, assim pretendo fazer de todos os cômodos do apartamento, formando uma planta completa com os elementos ali presentes

Figura 9



Foto: Ângulo de planta baixa, do cômodo escritório e cozinha do apartamento - Fonte da autora.

São recursos criativos que penso estarem atrelados ao fazer artístico e, ao mesmo tempo, são etapas a serem seguidas para o desenvolvimento dos procedimentos de criação. Segundo Salles (2011, p. 108), “Os recursos ou procedimentos criativos são esses meios de concretização da obra. Em outras palavras, são os modos de expressão ou formas de ação que envolvem manipulação e a conseqüente transformação da matéria-prima”.

Penso em trabalhar a planta baixa de várias maneiras, assim seguir investigando esses pequenos vestígios que trazem a significação da memória desses espaços.

Foram feitas duas plantas em impressora 3D⁶. A figura 10 a esquerda, tem a planta da casa dos meus pais baseada na planta baixa original e à direita a figura do meu apartamento.

⁶ Uma tecnologia que permite criar objetos tridimensionais a partir de um desenho digital, processo que produz objetos ao adicionar material em camadas que correspondem a seções transversais sucessivas de um modelo 3D.

Após feito este desenho em um programa de computador AutoCad⁷ a impressora com filamento plástico que adiciona o material em camadas, e imprimir a planta baixa nesta escala de 1:75 com 5 milímetros de altura nas paredes.

Figura 10



Planta baixa feita em impressora 3D -Fonte da autora

Com a ideia de planta baixa mais humanizada, agora podendo sentir as extremidades, a intenção é trabalhar sobre essa superfície, pensando nos espaços, a diferenças entre eles, e usar o molde para reproduzir em papel manualmente. Sobre o desenvolvimento da obra podemos citar Salles (2011, p. 59) “o pensamento se dá na ação, toda ação contém pensamentos. Este processo de dar forma a sonhos ou de suprir necessidades realiza-se através da sensibilidade, da concretude da materialização e da ação do conhecimento e da vontade” (SALLES, 2011, p. 59).

⁷ Software tipo CAD (Computer Aided Design) utilizado em áreas como engenharia mecânica e civil, para o desenvolvimento de projetos e desenhos técnicos.

6.1 CATALOGANDO FOTOGRAFIAS

Sabemos que a fotografia é uma forma poderosa de contar histórias visualmente. No fotolivro as imagens muitas vezes substituem ou complementam o texto, criando narrativas visuais que podem evocar emoções, transmitir mensagens e contar histórias de maneiras profundas e impactantes. Um fotolivro, também é conhecido como livro de fotos, ou seja, um álbum de fotos que é montado em formato de livro, podendo ser encadernado e muitas vezes artesanal. As fotos são coladas no próprio papel, ou colocadas em molduras de papel sobre a folha.

As imagens fotográficas capturadas proporcionam uma experiência visual rica, convidando o leitor a mergulhar na história do fotolivro. As fotografias podem criar uma conexão emocional instantânea com o público, tornando a experiência mais envolvente e memorável. A fotografia permite no processo de criação um estudo estruturado por meio das comprovações e “pelo referencial teórico da crítica de processo, cuja proposta metodológica traz aporte para discussão sobre o ato criador, o acompanhamento de percursos criativos e a análise de documentos de processo na arte e nas ciências” (SALLES; ANASTÁCIO, 2018, p. 321).

Reverendo as fotografias de família, organizei-as da seguinte forma:

- Imagens da casa da família;
- Imagens onde eu me encontro na casa;
- Imagens com familiares na casa.

As Fotografias impressas proporcionam uma experiência física tangível. O simples ato de segurar uma fotografia pode evocar memórias vívidas e emoções, criando uma conexão sensorial com o passado. Ao observar essas fotos fazendo essa organização pude perceber a importância dessas fotografias, ao ver as imagens eu conseguia lembrar dos lugares, das texturas dos objetos, do cheiro das coisas e das pessoas, vindo a memória como se fosse atualmente. São memórias cheias de significados trazidos pelo aconchego visual que transborda da fotografia para outras percepções sensoriais e afetivas.

As fotos que possuo foram escaneadas, sendo uma experiência significativa, pois a cada visualização da imagem vendo a transformação em modo “digital”, vinha à memória visual como recente. A imagem digitalizada traz a possibilidade de eternizar estes momentos além da imagem impressa em papel. Conforme apresenta Mendonça (2013) sobre a evolução da fotografia digital, é importante considerar a sua ampla gama

de utilização atualmente com as redes sociais é a todo instante submetida a inúmeras postagens. Ao mesmo tempo lembrar que a analógica em muitas situações ainda é importante, como por exemplo, em porta retrato não digitalizado.

Sobre a evolução da fotografia digital é importante destacar que esta levará ao aniquilamento gradativo da fotografia analógica, pois cada vez menos as pessoas buscam imprimir fotos para coloca-las em porta retratos como objeto de memória afetiva. “Bem diferente das antigas fotografias que compunham os primeiros álbuns de família, a fotografia digital pode ser armazenada em meio eletrônico, em suportes como os computadores, CD-ROM, cartões de memória, pen-drivers” (MENDONÇA, 2013, p. 16). Atualmente são guardadas em arquivos sincronizados ao e-mail, com uma velocidade de armazenamento inigualável, podendo ser editada quanto ao formato, tamanho, nitidez, cor, entre outros recursos que muitos aplicativos digitais favorecem atualmente. No entanto são recursos que podem ser mais facilmente perdidos ou deletados caso a fonte seja danificada.

Em um escape do efêmero, em um mundo digital, onde as imagens podem ser perdidas, por vários motivos, as fotografias impressas oferecem uma forma de preservar memórias independentemente das mudanças tecnológicas. E agora transformando-as em formato digital fazendo o reverso. Ao transformar memórias em objetos tangíveis, elas desempenham um papel fundamental na sua preservação individual e coletiva, enriquecendo nossas vidas com narrativas visuais duradouras e significativas.

A imagem arde pelo desejo que a anima, assim como pelo ato de existência do real, ou pela intencionalidade em que a estrutura e todas as essências se manifestam. Conforme ditado popular: “ardo de amor por você” ou “me consome a impaciência”, “arde pela destruição, pelo incêndio que quase a pulveriza, do qual escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 16).

Ir categorizando as fotos, separando por contexto, foi um exercício muito interessante, separar o que interessa primeiramente e depois sequenciá-las, ou juntá-las conforme tema de cada imagem, ou seja, fotos de família juntas em um mesmo álbum, fotos de paisagens em outro agrupamento, fotos de objetos em um terceiro grupo, de forma ordenada. Desta forma a organização por tema facilitou encontrar tudo que precisava para apreciar cada álbum conforme atividade registrada.

Essa questão de mexer nas fotografias, me remeteu ao fotolivro, assim vieram questões acerca do livro de artista, que nada mais era, que o uso de fotos ou não podendo ser um fotolivro, ou com anotações e fotos vindo a ser um livro de artista.

7. LIVRO DE ARTISTA

Um livro de artista, também pode ser conhecido como livro-objeto, é uma forma de expressão artística que utiliza o livro como suporte para a criação de obras de arte, podendo sair do código padrão para a produção de livros manuscritos. Ao invés de serem apenas veículos para texto ou imagens, os livros de artista são obras de arte em si mesmos, onde o conteúdo, a estrutura, o material e a forma são cuidadosamente concebidos pelo artista. Embora os livros de artistas tenham ganhado maior visibilidade como gênero artístico nas últimas décadas, eles possuem um histórico enraizado em experimentações artísticas antigas. “Os livros mais visuais de William Blake, por exemplo, são claramente livros de artista primitivos. Eles não começaram com Blake, no século 18. Mas muitos foram perdidos ou quase perdidos” (ROCHA, 2019, p. 13).

O livro de artista pode conter algumas vertentes e uma delas está associada a interações com a arte e cultura e são conhecidos como “protolivros de artista, livros ilustrados, livros objetos, livros únicos, encadernações artísticas, etc, juntamente com os livros de artista nascidos a partir dos anos 60, que consolidaram o termo” (ROCHA, 2019, p. 11).

Já na definição de Silveira (2008) livro de artista pode ser definido com significado que vai além das palavras, ou seja, um livro de artista serve para “designar um grande campo artístico (ou categoria) [...]. Também é usado “livro de artista” no sentido estrito, referente ao produto específico gerado a partir das experiências conceituais dos anos” (SILVEIRA, 2008, p.25).

As experiências conceituais fazem menção às definições de livro de artista pois podem andar muitas vezes interligadas na prática artística contemporânea. Embora os livros de artista e a arte conceitual possam existir de forma independente, muitos artistas conceituais utilizam o formato do livro como meio para expressar suas ideias e conceitos. Os livros de artista podem ser vistos como uma extensão da prática da arte conceitual, oferecendo aos artistas uma plataforma para explorar questões conceituais de uma forma mais intimista e acessível (SILVEIRA, 2008).

A obra *One and Three Chairs* (Uma e Três Cadeiras), como vemos na figura 11 é

uma das peças mais emblemáticas do artista conceitual Joseph Kosuth⁸, criada em 1965. A obra consiste em três elementos dispostos juntos: uma cadeira física, uma fotografia em preto e branco da mesma cadeira e uma definição em texto da palavra "cadeira" retirada de um dicionário (SILVA, 2019).

Figura 11



Fonte: Joseph Kosuth - *Uma e Três Cadeiras*, 1965. Cadeira de dobrar de madeira, reprodução fotográfica da mesma cadeira e ampliação fotográfica da entrada do dicionário do trecho "cadeira"; cadeira: 82,2 x 37,8 x 53 cm, painel fotográfico: 91,5 x 61 cm, painel de texto: 61 x 62,2 cm
The Museum of Modern Art (MoMA), New York. Apud Silva (2019).

O objetivo de Kosuth com essa obra é explorar a natureza da representação e da linguagem. Ele desafia a ideia de que a realidade pode ser capturada por meio de uma única representação visual. Ao apresentar a cadeira física, a fotografia dela e a definição textual da palavra "cadeira", Kosuth questiona como concebemos e entendemos a realidade (SILVA, 2019).

A cadeira física é o objeto real, tangível, que podemos ver e tocar. Representa uma instância específica de uma cadeira. A fotografia da cadeira é uma representação

⁸ Joseph Kosuth é um artista conceitual norte-americano nascido em 1945. Ele é conhecido por suas obras que exploram a natureza da linguagem e da própria arte. Kosuth é considerado uma figura central no movimento da arte conceitual que emergiu nas décadas de 1960 e 1970.

bidimensional dela, capturada em um momento específico no tempo. Kosuth está sugerindo que a fotografia é apenas mais uma maneira de representar a cadeira, mas não a cadeira em si. A definição textual da palavra "cadeira" serve como uma representação linguística da ideia de uma cadeira. Destaca como a linguagem pode ser usada para conceituar e descrever objetos (SILVA, 2019).

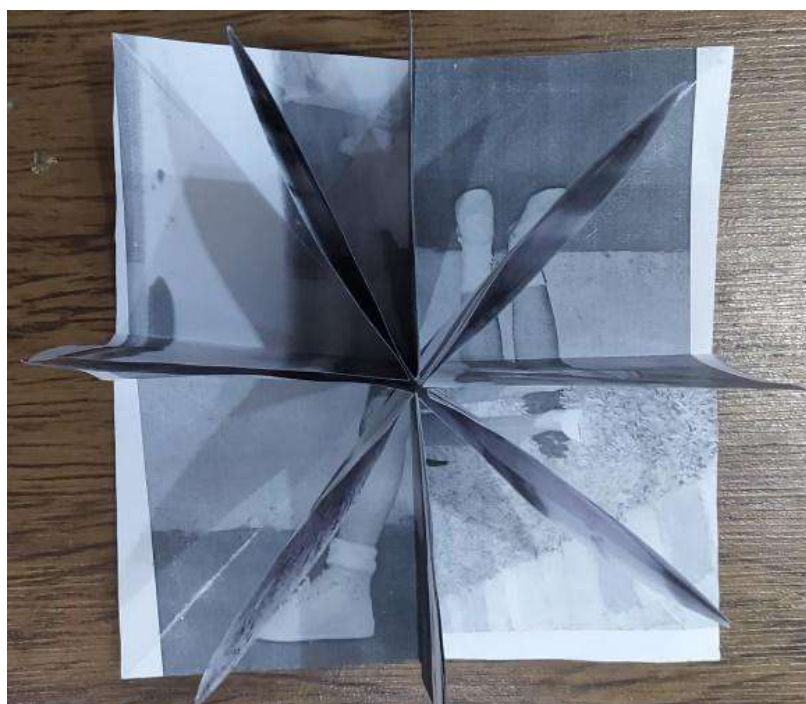
Juntas, essas três partes da obra exploram as relações complexas entre objeto, imagem e linguagem. *One and Three Chairs* convida o espectador a refletir sobre como diferentes formas de representação influenciam nossa compreensão da realidade e da experiência humana. É uma obra provocativa que desafia as noções convencionais de arte e nos convida a questionar os sistemas de significado que criamos (SILVA, 2019).

Pensando nestas questões apresentadas como na obra de Kosuth, apresento no meu trabalho a figura dos objetos de memória como um relógio, um rádio, uma máquina fotográfica, um telefone, uma televisão. Todos estes objetos antigos, que já tiveram suas utilizações, hoje alguns não funcionam ou necessitam de algum outro aparelho para funcionarem como na televisão que necessita de um conversor digital, assim penso no objeto de memória, tenho o registro fotográfico dele, eu faço a impressão em 3D destes objetos, faço a gravura também, assim como posso usar do som que este objeto produz, ou poderia também usar a definição textual destes objetos como a apresentação do próprio objeto. Porém na atual apresentação que o trabalho se encontra, uso estes conceitos por vezes, separadamente.

Das fotos catalogadas fiz um ensaio de livro dobradura⁹, com estas fotos impressas em impressora laser em formato preto e branco, para livro dobradura como vemos na figura 12.

⁹ A técnica de livro dobradura, também conhecida como "origami de livros" ou "book folding", envolve a criação de padrões decorativos em livros dobrando cuidadosamente suas páginas de maneiras específicas. Esta técnica resulta em formas e padrões visuais que são formados pela combinação de páginas dobradas em diferentes padrões e ângulos.

Figura 12



Livro dobradura - Fonte da Autora

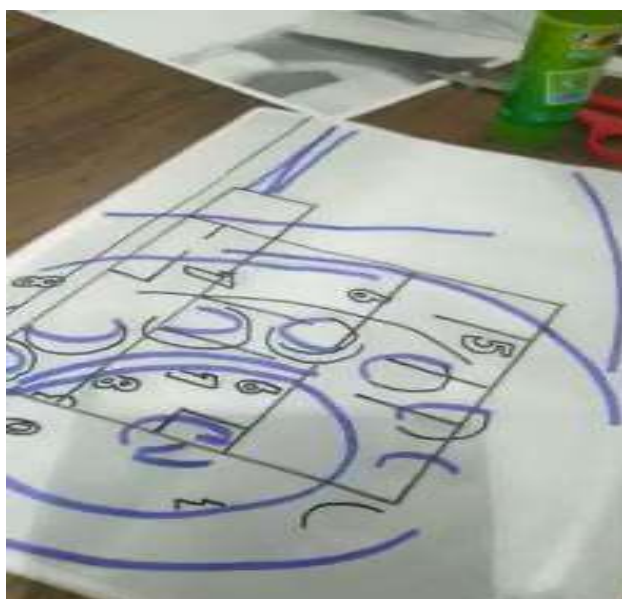
Para a proposição de fazer algo palpável, um caderno de esboços, fiz um apanhado de imagens das fotografias da família catalogadas, e dos objetos de memória, imprimi em papel sulfite em preto e branco, estas tinham algumas partes em branco, feitas propositalmente em programas de edição de imagem como em lacunas, onde tento preencher o espaço vazio que esses objetos deixaram. Preenchendo com desenhos, cores e recortes. Objetos colecionados pelo artista devem ser vistos com significado cultural singular, único, já que para o artista colecionador o arquivo pode ser entendido em três momentos distintos: “material que pode se tornar obra, obra em processo e obra pronta” (CADOR, 2012, p. 132).

Fui usando da caneta hidrográfica, pensando em algo que não se apaga, nos espaços brancos, as cores foram escolhidas pensando nas originais dos objetos ou nas cores dos outros, que por vezes se misturam nos amontoados de caixas. Fui fazendo formatos como que já estabelecidos e aleatoriamente. Porém, vejo que as linhas do desenho são pensadas, elas têm um sentido. Como em um telefone sem fio, pois o

desenho feito sobre a imagem original nunca será o mesmo, pois formam camadas e as linhas se misturam, como na figura 13.

Esta afinidade entre autor e criação é salientada por Cadore (2012, p. 132) como “A possibilidade de reordenação dos elementos no álbum o coloca em uma posição privilegiada, é um livro e um arquivo de fichas ao mesmo tempo”. Um livro que compõe toda criação do artista desde os primeiros desenhos até a finalização ou até o momento presente, uma vez que o artista pode considerar sua obra nunca terminada, mas com possibilidades de futuras intervenções.

Figura 13



Ensaio de livro de artista - Fonte da Autora

Juntando as fotografias em preto e branco destes objetos como resultado pensei nos álbuns de figurinhas dos anos 90. Era uma febre entre crianças e adolescentes proporcionando uma experiência única de colecionismo e interação social. Esses álbuns muitas vezes eram associados a diferentes temas como esportes, desenhos animados, filmes, séries de TV e outros. Assim como quase tudo neste trabalho acaba resultando em algo nostálgico. Geraghty (2014) citado por Greco Castilho e Lemos (2016) apresentou um estudo completo sobre as questões que envolvem a nostalgia de um colecionador. O autor revela “ser tal prática uma atividade primariamente pessoal, de dimensões individuais” (p. 6).

Com as fotos lado a lado como na figura 14, e deixando-as no formato preto e branco, tive a impressão de reviver essa experiência dos álbuns de figurinhas

Figura 14

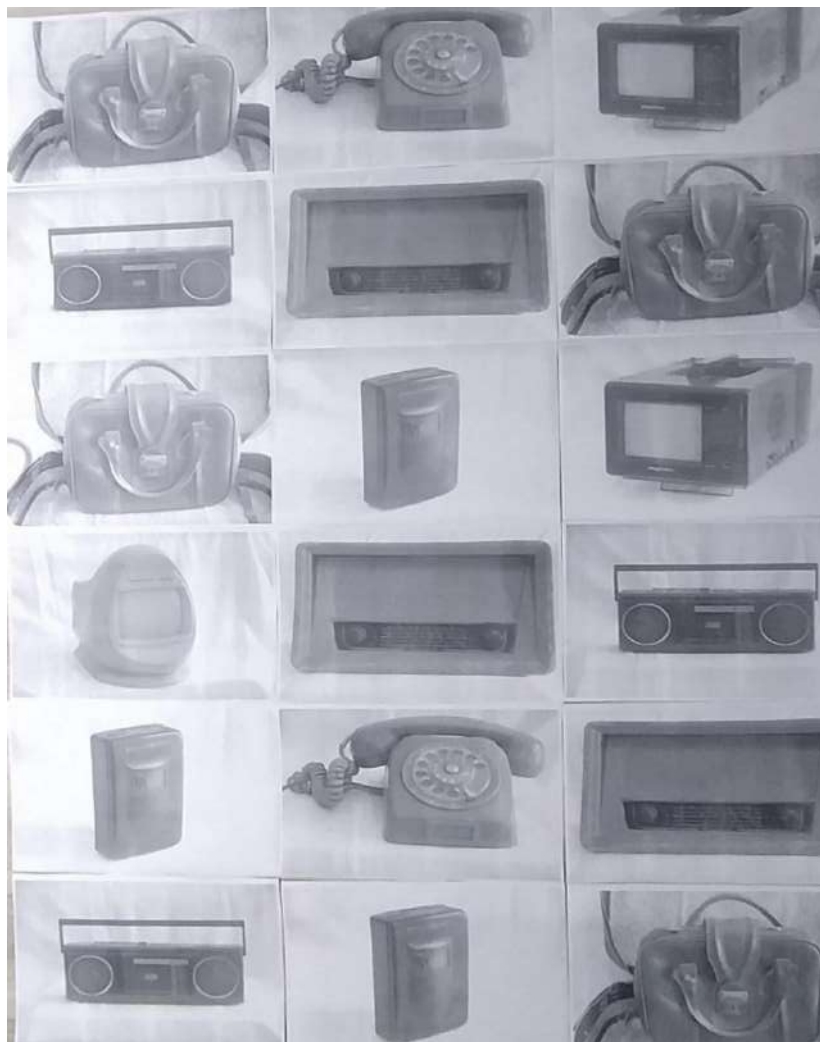


Imagem objetos um ao lado do outro em PB – Fonte da autora

Figura 15



Foto álbum de figurinhas dos anos 90 – Fonte da autora

Os álbuns de figurinhas que ofereciam prêmios adicionavam uma camada extra de empolgação ao processo de colecionar. Esses álbuns geralmente vinham com um sistema de recompensas baseado na conclusão de determinadas seções ou na obtenção de figurinhas especiais. Geralmente funcionava com figurinhas raras e especiais, geralmente elas eram as chaves para encontrar os prêmios. Eles poderiam ser divididos em seções ou categorias específicas, alguns álbuns poderiam atribuir pontos a determinadas figurinhas ou completar seções específicas onde poderiam render um prêmio atingindo determinados patamares. Em alguns casos os colecionadores poderiam enviar seus álbuns preenchidos à editora, podendo receber prêmios por isso. Havia promoções especiais onde os álbuns em parceria com empresas, ofereciam seus brindes a aqueles que preenchessem o álbum, havendo assim uma divulgação mais expressiva de seus produtos.

Sobre a arte em quadrinhos vale destacar que é um exemplo eficiente de que a imagem e a forma de enredo construído junto a roteiros, cenários e personagens lendários leva o leitor a viajar na imaginação. Traz memórias interessantes de grandes personagens da história em quadrinhos que marcaram a infância de tal forma que ficam guardadas na memória afetiva (SILVEIRA, 2008, p. 145).

O álbum do qual eu tenho maior lembrança é aquele cujas figurinhas eram compradas em pacotes sortidos, conforme evidenciada na figura 15, tinha como objetivo completar as figuras que levava respectivamente ao prêmio da imagem que fosse completada. No entanto, nunca conheci ninguém que tivesse conseguido ganhar o prêmio, trocávamos incansavelmente com os colegas as figurinhas repetidas, porém o prêmio nunca veio. Infelizmente não guardei esse álbum, tenho apenas alguns de futebol e figurinhas de chicletes e chocolate, porém estes não davam direito ao prêmio, por isso volto a inteirar a importância da coleção em minha vida, desde criança até os dias de hoje. Onde guardar tudo isto tem importância sentimental, fundamental para os escritos aqui fundamentados.

As memórias afetivas que guardo dos álbuns de figurinhas que já se perderam são ímpares, trazendo elementos importantes da afetividade, mas também do quanto à lógica existente nestas histórias é capaz de nos prender ao formato da arte existente ali, do roteiro, e imagens criativas.

Sobre os elementos é importante destacar que “um elemento comum à inspiração nos quadrinhos gráficos e fotográficos é que, assim como o cinema não é realmente obrigado à fala, os quadrinhos não são obrigados aos seus balões” (SILVEIRA, 2008, p. 148). Podendo seguir ou não a lógica de um roteiro escrito.

O processo de criação contínua e, com a impressão feita em impressora 3D como na imagem 16, pude observar a riqueza potencial apresentada nesta impressão. Buscando outros meios de usar este recurso, pensei em imprimir as imagens que apareceram neste processo com a necessidade de trabalhar as plantas das duas casas. Observando a riqueza dos detalhes dessas impressões este processo foi mais explorado. Tendo em vista o potencial desta impressora que são dispositivos versáteis que desempenham um papel crucial em diversas áreas, permitindo a fabricação de objetos tridimensionais a partir de modelos digitais.

Os objetivos da impressora 3D podem variar de acordo com a aplicação específica, elas podem criar protótipos de produtos de forma eficiente e econômica, acelerando o processo de desenvolvimento, pode também permitir a fabricação personalizada de peças e produtos, atendendo às necessidades específicas de cada usuário. Isso é especialmente valioso em setores como a área médica, também pode ser usada nas escolas e universidades para ensinar conceitos de design, engenharia e ciência oferecendo aos alunos uma experiência prática na criação de objetos físicos. Empresas podem usar a impressora 3D para produzir pequenas quantidades de produtos de forma

eficiente, permite também a personalização de produtos que podem ser adaptados de acordo com as preferências individuais dos consumidores. Sendo um material sustentável em comparação aos métodos tradicionais de fabricação pois permite a produção sob demanda e a redução do desperdício de material, além de colaborar com a parte de reparos e substituições que pode prolongar a vida útil de vários produtos.

Pensando nessa acessibilidade da impressão 3D que estimula a inovação e a criatividade, permitindo que designers e inventores transformem ideias em realidade de maneira rápida e eficiente, venho a fazer com que esta impressora imprima uma fotografia desses objetos de memória.

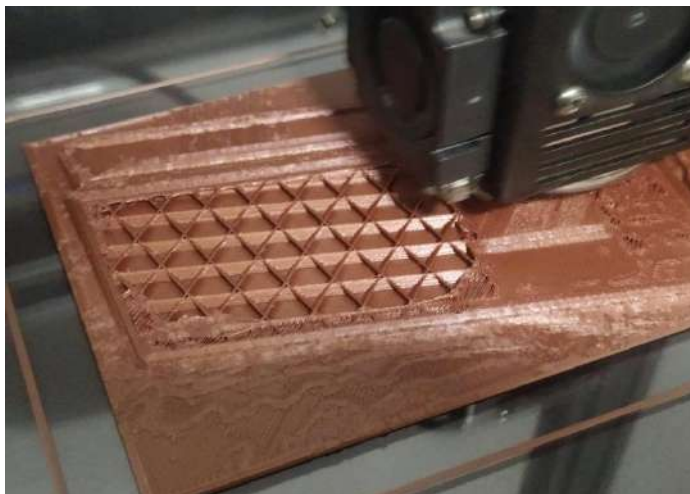
A impressão por filamento¹⁰ é um dos métodos mais comuns de impressão 3D. Esse processo envolve a deposição de camadas sucessivas de material em forma de filamento para criar um objeto tridimensional.

O primeiro passo é criar ou obter um modelo tridimensional digital do objeto desejado. Este modelo é geralmente criado usando softwares de modelagem 3D, O modelo 3D é então "fatiado" em camadas mais finas, transformando o modelo em uma série de seções horizontais. Esse processo é realizado por um software fatiador, que converte o modelo em instruções compreensíveis pela impressora 3D.

O software utilizado para impressão 3D desempenha um papel crucial no processo, desde a criação e preparação dos modelos 3D até o controle da impressora. Existem várias etapas ao longo do fluxo de trabalho de impressão 3D, e diferentes softwares podem ser usados para cada uma delas.

¹⁰ O PLA (Ácido Polilático) é um dos filamentos mais populares devido à sua facilidade de uso, baixa toxicidade e biodegradabilidade. Ele é derivado de recursos renováveis, como milho ou cana-de-açúcar. O PLA é ideal para impressões de baixo odor e é frequentemente escolhido para aplicações de prototipagem e impressões domésticas.

Figura 16



Impressora 3D fazendo impressões – Fonte da autora

Após essa experiência de imprimir as plantas dos dois imóveis, do meu apartamento atual e o da casa dos meus pais, vendo o resultado de surpresa e perfeição ao mesmo tempo. Ao explorar essas impressões se pensou em reproduzir os objetos de memória nesta impressora 3D. O resultado foi satisfatório, as imagens exibiam esse relevo, me levando agora a pensar as imagens a serem impressas como na Foto 17

Figura 17



Impressão imagem de memória telefone e máquina fotográfica – Fonte da autora

Essas foram às primeiras imagens feitas em impressão 3D, a cor do filamento varia, por isso foram feitas impressões em marrom e cinza, cores disponíveis no

momento. Houve grande satisfação com o resultado apresentado, as impressões foram feitas em 4 milímetros de altura e com dimensões de 13 centímetros por 9,5 centímetros.

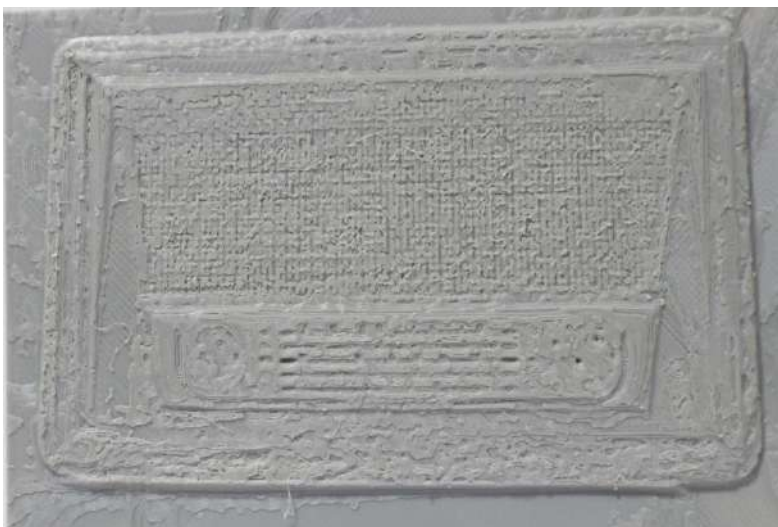
Logo foram feitas mais impressões de outros objetos como podemos perceber na imagem 18

Figura 18



Impressão imagem de memória relógio e rádio – Fonte da autora

Figura 19



Impressão objeto de memória, rádio – Fonte da autora

7.1 CRIANDO GRAVURAS

A Gravura é uma técnica de impressão em que uma imagem é transferida de uma matriz para um substrato, como papel ou outros materiais. Sobre a gravura é importante ressaltar o que apresenta Blauth (2010) “as imagens gráficas surgem de procedimentos específicos e na maneira particular de realizar gravações e impressões. Cujos gestos estão presentes as concepções de gerar os vazios e os cheios” (BLAUTH, 2010, p. 41).

A matriz, que pode ser de metal, madeira, pedra ou outros materiais, é preparada de forma a ter áreas elevadas e áreas rebaixadas. Essas áreas retidas ou entalhadas na matriz correspondem à imagem desejada. A tinta é então aplicada sobre a superfície da matriz e o substrato é pressionado contra ela, resultando na transferência da imagem impressa para o substrato. Essa técnica permite a produção de múltiplas cópias da mesma imagem, chamadas de "impressões" ou "gravuras", mantendo a qualidade e fidelidade da imagem original.

Quando se trata de gravura e processos híbridos na arte, isso pode significar a incorporação de técnicas de gravura tradicionais em práticas artísticas contemporâneas que exploram uma variedade de mídias e abordagens. O hibridismo na arte refere-se à mistura ou combinação de diferentes estilos, técnicas, mídias ou influências em uma única obra de arte.

Assim, tendo resultados satisfatórios foram feitas impressões em 3D e pensou-se agora em usar estas como “matriz” de gravura, pensando em imprimir em papel fazendo gravuras. Assim foram feitas impressões em papel, como podemos observar na foto 16, estas eram impressas em formato espelhado e com auxílio de um objeto mais rígido para pressionar sobre o papel onde a matriz estaria por baixo deste a fim de imprimir.

No que diz respeito ao fazer artístico ao complementar o processo da obra de arte Salles (2011, p. 72) usa o termo matéria prima como tudo que o artista utiliza como obra, recorrendo para a conscientização, ou seja, escolhe o material, faz a manipulação necessária para iniciar o processo de sua criação de forma a transformá-lo de maneira específica conforme sua imaginação e necessidade. “Matéria-prima é tudo aquilo do que a obra é feita; aquilo que auxilia o artista a dar corpo a sua obra” (SALLES, 2011, p.72).

Vejo a gravura como continuidade do trabalho, ou seja, a execução de uma técnica de impressão de maneira artesanal, envolvendo o trabalho direto do artista na matriz, e que veio por conta de várias questões, por exemplo de como criar imagens a partir de uma matriz gravada, o que permite o artista, imprimir sua própria visão de maneira única. Cada impressão pode ter variações sutis devido à intervenção manual, tornando cada obra verdadeiramente original.

Sobre questões que cercam a materialidade de uma matriz a ser impressa podendo ser esse qualquer tipo de superfície e evocar a gravura tradicional podemos ver nas questões levantadas por Blauth (2010, p. 43) “num sentido amplo, qualquer superfície pode ser utilizada como uma matriz, considerando as diferentes rugosidades, texturas, marcas gravadas pela ação do tempo, pela natureza ou mesmo um objeto do cotidiano”.

O processo de criação de gravuras manuais envolve várias etapas, desde o entalhe da matriz até a impressão final, porém com a impressão 3D é observado na matriz os desenhos formados pelo filamento e observado onde poderá ser evidenciado na gravura. Ao trabalhar manualmente, pude interagir diretamente com o meio, sentindo a textura da matriz. Essa interação tátil pode ser uma parte valiosa do processo criativo.

Como podemos observar na fala de Blauth (2010, p. 41) sobre as percepções sobre gravações e a matriz “na gravura habitam ainda, indícios que podem evocar a presença ou a ausência de marcas e de sinais, ou mesmo de pegadas revelando semelhanças próximas de um corpo/matriz original” (BLAUTH, 2010, p. 41).

Vejo que os artistas muitas vezes apreciam a combinação de habilidades técnicas e criatividade necessárias para realizar o trabalho manualmente, porém imprimindo a

matriz desta forma, há o cuidado para que na gravação os detalhes sejam mais evidenciados na gravura final. Pode-se dizer que somos atraídos pela tradição e história da gravura manual, seguindo técnicas que foram refinadas ao longo de séculos, eles se conectam a uma rica herança artística. O processo manual pode introduzir "erros" ou variações que podem ser incorporados à obra de forma intencional. Essas imperfeições muitas vezes agregam valor estético e expressivo à peça, neste caso mesmo com a precisão de um programa de computador as matrizes podem variar conforme a altura requerida, que pode ser calculada pelo aplicativo Ultimater Cura¹¹.

A tinta utilizada para a impressão foi a tinta Guache Talens¹² justamente por suas cores serem vibrantes, ter boa cobertura, ser de fácil mistura, e secagem rápida, e além de tudo, ela tem o cheiro da tinta que eu usava quando criança, minhas primeiras experiências com tinta exalam esse cheiro da tinta Guache Talens.

Figura 20



Gravura objeto de memória, telefone – Fonte da autora

11 O Ultimaker Cura é uma ferramenta amplamente utilizada no campo da impressão 3D devido à sua eficácia, flexibilidade e suporte contínuo. O software é projetado para preparar modelos 3D para impressão, convertendo-os em camadas que uma impressora 3D pode entender e construir sucessivamente.

12 A Royal Talens, conhecida pela produção de materiais artísticos, incluindo tintas, é uma empresa com sede nos Países Baixos. A Royal Talens existe desde 1899 e é uma das mais antigas fabricantes de materiais de arte do mundo.

Pensando em um formato como se fosse um carimbo, pensou-se em imprimir em material mais maleável, existe um material de filamento flexível¹³ que pode suprir essa necessidade de imprimir mais facilmente essas gravuras, assim foi feito neste material como podemos observar na figura 21.

Figura 21



Impressão objetos de memória, televisão em material flexível – Fonte da autora

Este material flexível, pode ser relacionado como se fosse uma borracha, parecido com o linóleo¹⁴, se assemelhando a técnica de Linoleogravura¹⁵. Realmente a impressão foi bem satisfatória, onde o resultado impresso em papel teve mais detalhes a serem

¹³ O filamento flexível para impressora 3D é um tipo especial de material usado para criar objetos que possuem flexibilidade e elasticidade. Ao contrário dos filamentos rígidos, como PLA ou ABS, os filamentos flexíveis são projetados para se curvar e deformar sem quebrar durante ou após a impressão.

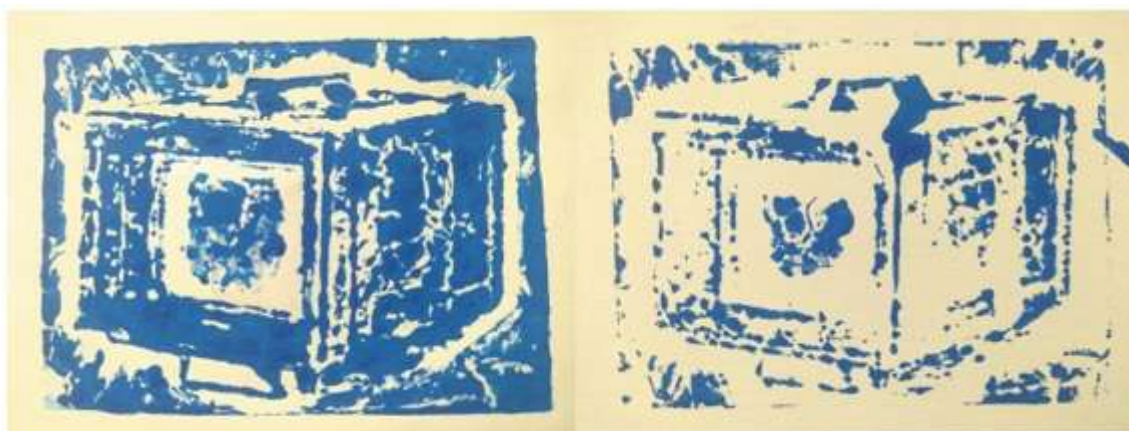
¹⁴ O linóleo é um material composto tradicionalmente por óleo de linhaça, resina, farinha de cortiça ou farinha de madeira e pigmentos minerais. Ele é utilizado como revestimento de pisos ou como uma matriz para a técnica de gravura chamada "linoleogravura".

¹⁵ Na linoleogravura, o linóleo é usado como uma matriz para criar impressões artísticas. Nesse processo, um bloco de linóleo é entalhado ou cortado para criar um relevo. A superfície entalhada é então coberta com tinta e pressionada contra o papel ou outro suporte de impressão, transferindo a imagem entalhada para o papel. A linoleogravura é uma técnica popular nas artes visuais e é usada para criar impressões únicas ou em série.

explorados, e mais nitidez nestes, porém a matriz de impressão não parece tão interessante quanto a feita com material rígido como o da figura 19.

A impressão realizada com essa impressão em material rígido como citado anteriormente, como matriz não seria tão interessante pois não se destaca tanto os detalhes, porém na impressão em papel, na gravura, teve resultado satisfatório como podemos observar na imagem 22.

Figura 22

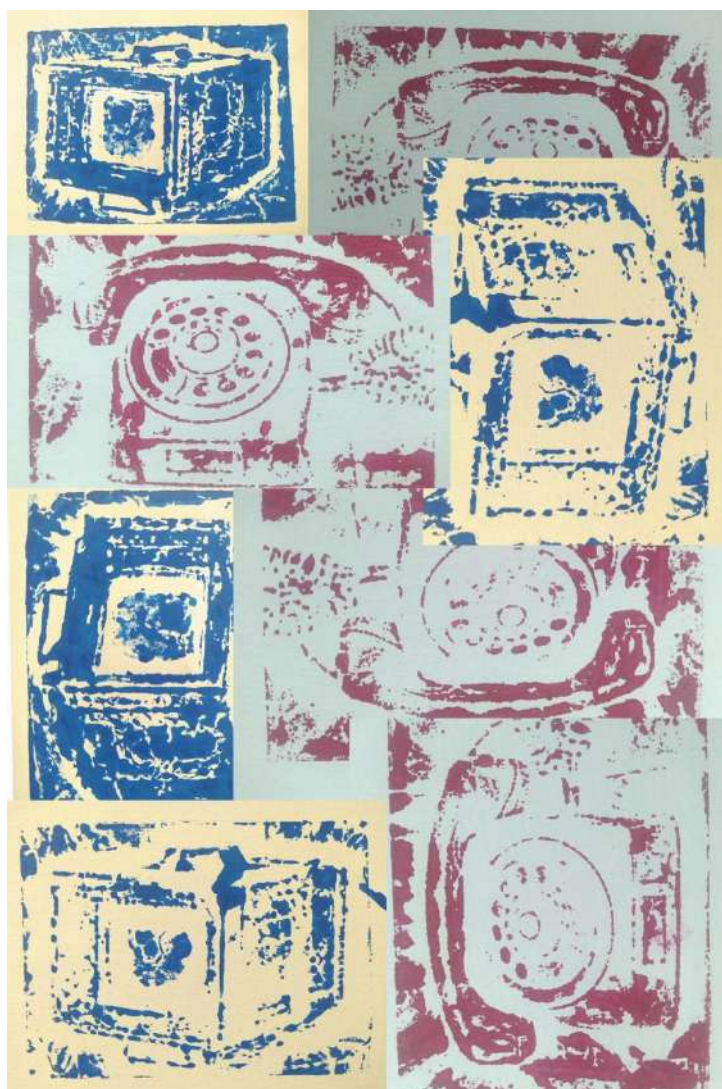


Gravura objetos de memória, televisão em material flexível – Fonte da autora

Trabalhar com métodos tradicionais sempre foi de minha preferência, este tipo de gravura veio como um meio entre o tradicional e o tecnológico, nunca imaginei que meu trabalho usaria meios tecnológicos como este, então a gravura se deu como oportunidade de se relacionar com meios tão distintos. Sendo a gravura uma arte de transformar diferentes superfícies em “material duro ou, às vezes, dotado de alguma plasticidade, num condutor de imagem, isto é, na matriz de uma forma criada para ser reproduzido certo número de vezes. Um meio expressivo que envolve matriz, gravação e impressão” (SILVA, 2020, p. 13).

Pensando em compor com essa gravura já realizada, trabalhou-se a composição destas já impressas pensando em grandes formatos em tamanho A2, como podemos observar na foto 23, houve êxito neste trabalho, porém ainda em processo de desenvolvimento.

Figura 23



Composição com as gravuras - Fonte da autora

Usando ainda de meios que trabalhassem o relevo, vieram questões como a *frottage*¹⁶ com o uso do giz de cera que muitas vezes remete à infância por várias razões, e essa associação é profundamente enraizada em experiências compartilhadas e memórias culturais. Por exemplo, fazer parte das atividades escolares na infância, onde as crianças usam para colorir desenhos, fazer trabalhos de arte, criando memórias positivas e nostálgicas, além do que é uma ferramenta de expressão criativa acessível para crianças. Ele oferece uma variedade de cores vibrantes e é fácil de manusear, permitindo que as crianças expressem sua imaginação e criatividade de maneira intuitiva

¹⁶ *Frottage* é uma técnica artística que envolve esfregar materiais como grafite, carvão ou outro meio de desenho sobre uma superfície texturizada para criar uma imagem. O termo "*frottage*" tem origem francesa, derivando da palavra "*frotter*", que significa "esfregar".

e divertida. A sensação tátil de segurar e usar giz de cera, bem como a experiência sensorial de deslizar o giz sobre o papel, são lembranças sensoriais que muitas pessoas associam à infância. Essa experiência tátil contribui para a conexão emocional com o material.

Essas associações emocionais positivas criam uma ligação duradoura entre o giz de cera e a infância. Quando as pessoas veem ou usam giz de cera, muitas vezes são transportadas de volta a esses momentos especiais e criativos de sua infância, gerando sentimentos de nostalgia e alegria. Essa foi minha percepção ao utilizar o giz para “tirar” o relevo desta imagem feita em impressão 3D que chamo de “placa” ou “matriz”. “Ao fazer arte ou apreciar algumas produções artísticas, vemos o real através do subjetivo, ou seja, nos vemos refletindo sobre a vida, sobre o nosso lugar no mundo e o ambiente que nos cercam” (SILVA, 2020, p. 13).

Ao usar o giz sobre a placa além de usar da nostalgia trazendo o cheiro do giz ainda mais memórias afetivas, desbloqueando lugares por vezes ocultos da memória. Sem mais palavras digo que foi muito prazeroso decalcar as imagens impressas usando do giz de cera como vemos na figura 24.

Figura 24

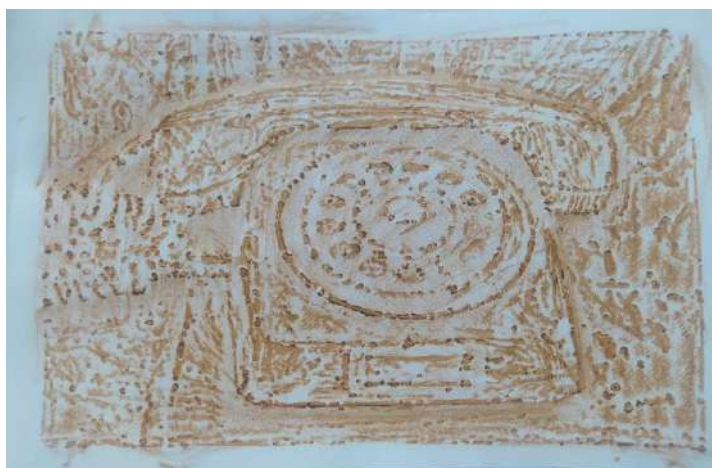


Imagem criada por *frottage* usando giz de cera – Fonte da autora

Após a criação das *frottages*, construí novas imagens como na figura 25, a fim de compor uma nova disposição destas, pensando em formar uma imagem mais harmônica, tendo em vista que as cores do giz de cera escolar são cores básicas e vibrantes.

Figura 25



Composição com as imagens feitas com *frottage* – Fonte da autora

Os resultados foram satisfatórios, porém ainda vejo que devo evidenciar as placas impressas em 3D para somar aos resultados já apresentados. Para a proposta inicial que era a de trazer os objetos de memória para perto, ainda pensando em uma questão de apresentação vieram questões de como apresentar as placas impressas em 3D, assim pensou-se em um expositor que dispusesse das placas enfileiradas podendo ser trocadas de lugar.

8. PROPOSIÇÃO PARA EXPOSIÇÃO

A proposta de uma exposição inicialmente seria realizada no local da nova moradia, o apartamento, onde seria exposto juntamente com os objetos da casa e fariam a composição com esses objetos de memória, fotos, imagens e sons. A exposição seria realizada na sala de estar do apartamento, com data e limite de pessoas a serem convidadas a confirmar. Seriam expostos alguns destes objetos de memória citados anteriormente, possivelmente uma apresentação audiovisual com imagens, vídeos e áudios com um compilado de imagens que envolveram as atividades deste memorial.

Um móvel como um balcão antigo, da casa de meus pais, iria estar na exposição com esses objetos de memória ocupando o espaço do balcão do apartamento onde

estão as louças da casa. O livro de artista, com trabalhos compostos entre fotos, imagens e alguns trabalhos que fazem alusão às caixas, uma composição com estas sendo pequenas e médias, pintadas em uma única cor em uma moldura para referenciar o uso destas ao ir e vir com a mudança e uso diário.

Com o apanhado de fotos da família que se apresenta na casa dos meus pais, sendo pela fachada, calçada, quintal, cômodos e mobiliário, tinha a pretensão de trabalhar com essas fotos digitalizadas e manipuladas por meio de programa de edição e/ou manualmente, usando de alguma forma para contemplar as paredes por exemplo, e fazer uso de papel de embrulho, de embalagens, e plástico bolha para compor entre as paredes e os usar em trabalhos.

Centralizaria nos cômodos, pequenas prateleiras, porém altas com vários objetos de memória, a fim de demonstrar o que não cabe neste espaço pequeno, o que atrapalha, é o que mais falta neste lugar, os objetos de memória.

As ações realizadas nesta exposição poderiam vir a ser objeto de estudo a ser anexado neste memorial descritivo, por meio de registro fotográfico e de vídeo. Podendo a ser apresentada ainda como exposição virtual posteriormente, com as devidas análises do que foi esse evento.

Conforme apresenta Gomes e Costa (2016, p. 4) “os objetos que nos rodeiam fazem com que nossas lembranças permaneçam vivas e estes objetos fazem um elo com o nosso passado”. Assim eles representam várias experiências vividas e é este sentimento de pertencimento que garante a continuidade de mantê-los por perto.

Porém a exposição se encaminhou para outro rumo. Com o intuito de aprofundamento nesta pesquisa, realizei um curso de livro de artista, onde este, resultaria em uma exposição, o curso Dobras de Sí ¹⁷.

A exposição “(entre) tempos” idealizada pelo Dobras de sí, apresentou um texto que descrevia como teriam sido esses processos realizados durante o curso, eis o texto:

Ancestralidade. memória. tempo. pausa. retorno ao que é essencial. original. primitivo. o que poderia nos ensinar os antigos construtores? Ou a antiga maneira de fazer livros, produzir imagens, esculpir, se alimentar, morar, fazer arte? Horizontes de significados. Cultura dos povos diante da velocidade, o anseio por um encontro mais profundo conosco. História, identidade, comunicação. Toda imagem é uma escrita no mundo, todo objeto também, linguagem, teia complexa de conexões, herança que

¹⁷ Dobras de sí é um curso on line de livro de artista que oferece orientação para concepção de obras poéticas individuais no formato de livros.

transcende as fronteiras do tempo e nos conecta às experiências, histórias e culturas dos nossos antepassados.

A exposição (entre) tempos propõe uma reflexão profunda sobre o tema por meio de trabalhos que habitam uma relação subjetiva do fazer artístico e seus múltiplos modos de ver e sentir. Os livros apresentados ultrapassam fronteiras, radicalizam a forma e alteram a percepção. Não é tão simples ver e sentir. Livros que refletem o indivíduo e sua singularidade. O significado deixa de estar encarcerado em uma única resposta para tornar-se amplo e complexo para ver é preciso entrega.

Finalizamos este percurso de 2023 agradecendo a cumplicidade e confiança de cada participante e celebrando a possibilidade de encarar o fazer artístico em sua inteira complexidade (GUTUM; FRANCOTTI; VILELA, 2024, p. 1).

Neste momento, para essa exposição, o trabalho se desenvolveu no formato apresentado anteriormente onde se apresentava as placas em impressão 3D, assim como as gravuras destas placas, sendo assim era necessário criar um display¹⁸ que comportasse essas placas de forma para a sua apresentação para exposição. Foram pensadas várias formas de se expor, inicialmente se pensou em expor um objeto mesmo de memória com essas placas, como um fichário de mesa como podemos ver na Figura 26.

Figura 26



Fichário de mesa - imagem da internet

¹⁸ Em diferentes contextos, "display" pode ter significados ligeiramente diferentes, mas em geral se refere a uma superfície na qual informações ou objetos são exibidos para visualização pública.

Se fez necessário criar um display que tivesse o tamanho das placas e que fosse menor, e tivesse algo como um acrílico para cobrir, proteger, toda a superfície. Assim foi feito, um suporte em madeira com tamanho 4,8 x 16 x 3 centímetros, com 6 encaixes de 4 milímetros cada, cobrindo com uma caixa de acrílico com espessura de 3 milímetros e medindo 11 x 16 x 4,8 centímetros, como podemos ver na figura 27 e 28.

Figura 27



Suporte display de madeira com impressão 3D - Fonte da autora

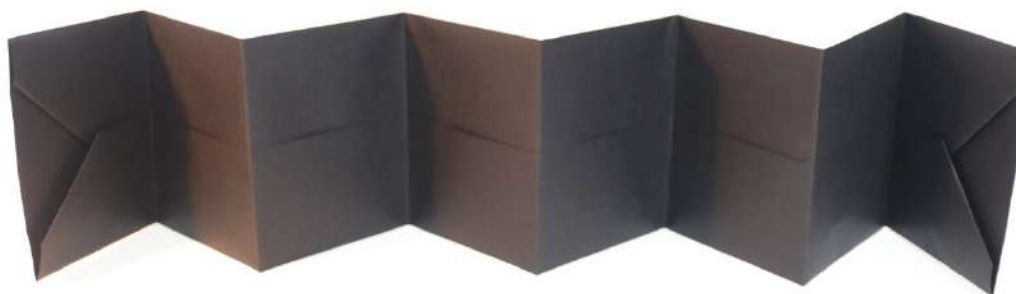
Figura 28



Suporte display de madeira com impressão 3D, com acrílico - Fonte da autora

Ainda pensando na necessidade de expor as gravuras, foi colocado um suporte para elas a fazer uma composição com o display e as placas em 3D. Procurou-se um suporte que coubesse o formato retangular da gravura de tamanho 12,5 x 9 centímetros logo veio o nome de estrutura da Hide Kyle¹⁹, que desenvolve estruturas de encadernação inovadoras, como o formato do livro acordeão, assim foi realizado uma dobradura Accordion Pocket da Hide Kyle em papel Colorplus Los Angeles preto 80 gm² com tamanho 9,7 x 12,7 centímetros x milímetros como podemos observar na figura 29.

Figura 29



Estrutura Accordion da Hide Kyle - Fonte da autora

Este trabalho fez parte da Exposição coletiva (*entre*) *tempos* realizada de 27 de Janeiro a 10 de Fevereiro de 2024, na *Lovely House*²⁰, em São Paulo, SP. Resultante da finalização do Curso Dobras de Sí. Com o espaço limitado a mostra, para a exposição foi colocado sobre uma mesa com as demais obras selecionadas, como podemos observar na figura 30.

¹⁹ Hedi Kyle é uma renomada artista e designer de livros, conhecida por suas contribuições significativas no campo da encadernação e das artes do livro. Desenvolve estruturas como o acordeão e outras técnicas de encadernação artística. Através de sua habilidade única e criatividade, Hedi Kyle ajudou a redefinir a forma como muitos artistas e encadernadores abordam a criação de livros e projetos relacionados.

²⁰ A *Lovely House* é uma editora e casa de livros localizada na Capital de São Paulo, que se dedica à pesquisa, publicação e divulgação de livros de arte, com ênfase na fotografia e em livros de artista, nacionais e estrangeiros. No espaço, físico ou digital, ainda acontecem lançamentos e encontros com convidados especiais com a proposta de discutir processos criativos, articular ações culturais e debater a produção de vanguarda. Localizada na Galeria Metrópole, sala 30. Avenida São Luís, 187, República, São Paulo, SP.

Figura 30



Foto da disposição dos trabalhos na exposição (entre) tempos - Fonte da autora

Desta forma foi apresentado o trabalho, livre para manuseio com luvas para que o espectador pudesse sentir o relevo tanto das placas em 3D como das gravuras, sendo satisfatória a apresentação final dessa obra.

Já para a exposição Arte.Exe, uma chamada feita pelo 2º ano (turma noite) de 2024, do Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR²¹ Campus de Curitiba I - EMBAP²² pretendia selecionar produções artísticas de estudantes de diversos cursos, universidades e linguagens do estado do Paraná, tratando da relação entre arte e tecnologia. Os selecionados apresentarão suas criações em aparição de vídeo em televisão em looping²³ em uma sala, no campus da EMBAP, no endereço: Rua Saldanha Marinho, 131 - Centro, Curitiba - PR. A mostra aconteceu no dia 23/02/2024, das 19h às 22h, com uma roda de conversa com os artistas e visitantes.

A seleção foi realizada pela Comissão de Seleção, formada por estudantes da matéria de Circuitos Artísticos II do segundo ano de Bacharel em Artes Visuais da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Vejo iniciativas como essa engrandecedoras para a

²¹ A Universidade Estadual do Paraná (Unespar) é uma instituição pública, mantida pelo Governo do Estado do Paraná. É formada por sete campi nas cidades de Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória.

²² A Unespar é jovem, mas sua origem remonta a instituições centenárias, pois nasceu da junção de várias faculdades estaduais: dentre elas a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embar), Faculdade de Artes do Paraná (FAP), ambas em Curitiba.

²³ Looping significa que o vídeo está configurado para repetir continuamente, sem interrupção, após atingir o seu fim. Em outras palavras, quando o vídeo chega ao seu término, ele automaticamente retorna ao início e começa a ser reproduzido novamente, criando um ciclo de repetição

instituição de ensino e para os estudantes envolvidos em que realizaram um edital, uma curadoria e uma exposição, assim como para os jovens artistas se envolverem no circuito de arte. O vídeo apresentado foi o movimento realizado para preencher o display com as placas impressas em impressora 3D, assim como as impressões das placas como podemos ver um frame do vídeo na figura 31.

Figura 31



Frame imagem do vídeo do display e impressões 3D - Fonte da autora (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U44nlul4kzw>)

Foi realizada a apresentação dos trabalhos de forma contínua e visual em projeção e a apreciação dos vídeos e fotos dos trabalhos dos participantes da mostra. Houve uma roda de conversa com os artistas, e convidados e foi bom perceber sobre a produção visual e como se relacionam com a tecnologia, na sua maioria em formato de Vídeo Arte²⁴, já que se trata de uma mostra que divulga a produção de artistas que trabalham as mais diversas formas de arte e tecnologia.

A relação entre arte e tecnologia é profunda e multifacetada, e tem evoluído ao longo do tempo à medida que novas tecnologias emergem e os artistas exploram suas possibilidades criativas. Podemos ver algumas maneiras pelas quais arte e tecnologia

²⁴ Vídeo arte é uma forma de arte contemporânea que utiliza o meio do vídeo como principal meio de expressão. Surgiu no final da década de 1960 e início da década de 1970, junto com o advento da tecnologia de vídeo portátil e acessível.

se relacionam, como por exemplo a exploração de novos meios de expressão, os avanços tecnológicos frequentemente oferecem aos artistas novos meios de expressão.

A colaboração e parcerias entre artistas e tecnólogos, muitas vezes, artistas contam com a colaboração de especialistas em tecnologia, programadores e engenheiros para criar obras que exploram os limites da criatividade e da tecnologia. “A explosão da imagem que nos faz submergir não está desvinculada dos efeitos que ela produz, sobretudo quando é através da imagem que muitos experimentam a sensação de existir” (FONSECA, s/d, p. 6).

Pode até haver questionamento das relações entre humanos e tecnologia onde muitas obras de arte contemporânea abordam questões relacionadas ao impacto da tecnologia na sociedade, na cultura e na experiência humana. Essas obras frequentemente questionam as relações complexas entre humanos e tecnologia, explorando temas como identidade digital, vigilância, privacidade, entre outros.

A Experimentação estética, onde a tecnologia muitas vezes permite que os artistas experimentem com novas formas estéticas e estilos visuais, como no caso da realidade aumentada e a inteligência artificial como técnicas frequentemente utilizadas por artistas para criar obras visualmente impactantes e inovadoras. A difusão e acesso a tecnologia também tem um papel importante na arte, é possível compartilhar conteúdos digitais a uma velocidade quase que instantânea com um público global de forma rápida e eficiente, alcançando pessoas que de outra forma não teriam acesso a tantos conteúdos artísticos, a pesquisa por meio do acesso a tecnologia se ampliou muito nas últimas décadas.

A fotografia digital teve um alcance significativo e grande repercussão em vários setores da vida, registrar momentos importantes vai além da necessidade de congelar momentos é também uma forma de expressão, comunicação do dia a dia, demonstração onde e com quem a pessoa está (RODRIGUES, 2020, p. 11).

O uso da impressão 3D pode oferecer aos artistas uma ferramenta poderosa para explorar novas formas de expressão e criar obras de arte inovadoras e impactantes. É uma tecnologia que continua a evoluir e a inspirar a criatividade em várias áreas da arte e do design.

As impressões em 3D das imagens de memória, além de ser um contraponto de história, as imagens impressas são de objetos antigos em um formato de criação tecnológica atual. Objetos de memória antigos desempenham um papel significativo em diversas dimensões da vida humana. Aqui estão algumas razões pelas quais esses

objetos são importantes.

Além de fazer a conexão com o passado, os objetos antigos têm o poder de fornecer uma janela para as culturas, práticas e histórias de gerações anteriores. Eles nos permitem visualizar como as pessoas viviam, trabalhavam e se expressavam em épocas passadas, ajudando-nos a entender melhor nossa própria história e identidade.

A preservação da memória coletiva, onde os objetos antigos muitas vezes carregam memórias e histórias significativas que são transmitidas de geração em geração. Eles são testemunhos tangíveis de eventos passados, experiências pessoais e coletivas, e tradições culturais que ajudam a preservar a memória coletiva de uma comunidade ou sociedade.

O valor cultural e artístico, onde muitos objetos antigos são valorizados por sua importância cultural, artística e histórica. Eles representam conquistas técnicas, estéticas e intelectuais de civilizações passadas e são frequentemente considerados obras de arte ou artefatos preciosos que merecem ser preservados e estudados.

Os objetos antigos trazem em si muitos conceitos, histórias e traços do momento de sua confecção, aspectos estes que com o passar do tempo deixam de existir, como por exemplo, o tipo de material utilizado, a forma, a textura, o tipo de pintura. O tempo muda e os materiais e formas de criar uma nova arte também mudam, por isso preservar peças antigas passa ser uma relíquia, uma forma de guardar peça única, muitas vezes impossível de reproduzi-la.

O sentido de identidade e pertencimento, onde para muitas pessoas e comunidades, objetos antigos são fontes de identidade e pertencimento cultural. Eles podem evocar um senso de continuidade e conexão com as raízes culturais e históricas, fortalecendo o sentido de identidade pessoal e coletiva.

A inspiração criativa, onde objetos antigos podem servir como fonte de inspiração, influenciando o desenvolvimento de novas ideias, estilos e expressões artísticas. Eles podem estimular a imaginação e o pensamento criativo, gerando novas interpretações e abordagens para questões contemporâneas.

Assim segue o trabalho aberto a possíveis apresentações como exemplificadas na comparação ao trabalho de Joseph Kosuth, onde abre possibilidades de apresentar de várias formas emprestando da arte conceitual sua replicação dos objetos de memória em suas mais diversas formas e apresentações.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o levantamento dos objetos que cercam a memória afetiva, dessa mudança da casa dos meus pais para um apartamento menor, pude observar várias questões como, por exemplo, a importância do ateliê para o artista, a divisão de usar uma casa com um ambiente adequado para a prática artística e como moradia. O ateliê desempenha um papel fundamental na vida e na prática artística de um artista, oferecendo um espaço dedicado à criação, experimentação e desenvolvimento de obras de arte. Esse espaço dedicado traz inspiração e estímulo, colabora com a experimentação e desenvolvimento, concentração e foco, assim como a aquisição de um local adequado contribuindo com o armazenamento e organização dos documentos de trabalho, ensaios e desenvolvimento do processo criativo e trabalhos considerados finalizados.

Com a análise e pesquisa sobre os objetos de trabalho, o ensaio fotográfico serviu para apreciar a suposta beleza desses objetos e tentar entender o porquê da guarda desses que não funcionam mais e estão se deteriorando. A preciosidade apresentada pelo uso de uma câmera fotográfica profissional pode desvendar imagens agradáveis de lugares inesperados como a nitidez dos detalhes, a revelação de cores vibrantes e nuances, as paisagens e ambientes declarados e a busca de narrativas visuais a partir de ângulos inusitados. Assim como ver a fotografia, para registro dos locais onde se encontram os objetos de memória, e dos objetos propriamente ditos.

Com as diversas estratégias de trabalho que podem ser empregadas por artistas em seus processos criativos, cada um deles pode adotar abordagens diferentes com base em sua preferência pessoal, estilo artístico e objetivos específicos. Durante a pesquisa fui criando estratégias de trabalho como a catalogação de objetos e usando do termo *documentos de trabalho*, que mostra a importância dos esboços e rascunhos, dos diários de arte, e as referências visuais que compõem o andamento do processo artístico.

Com isso veio à criação de novos processos de criação que preencham esta lacuna de sentimentos e trazem esses objetos para mais perto, sem que estejam fisicamente. A experimentação sobre o livro de artista também foi necessária neste trajeto para expor neste formato a conexão desses objetos antigos a uma nova criação que perpetue além do tempo.

As atividades com a fotografia, as criações e todo percurso deste estudo trouxe diversos olhares sobre os objetos de memória e de todos os processos de criação

escolhidos para realizar este trabalho de pesquisa. Em todo esse percurso o processo mais inusitado e não esperado, usando das novas tecnologias como a impressão em 3D, acabou por ocupar quase todo o espaço de pesquisa, só deixando para a gravura a parte onde se discute a utilização da tecnologia em contraponto ao trabalho manual.

As discussões buscaram atender aos objetivos traçados inicialmente, que a priori seriam: analisar quais seriam esses objetos de memória; determinar autores acerca da memória; experimentar narrativas visuais (linguagens) para ressignificar objetos de memória, e a vivência de uma exposição dos meios aqui apresentados com seus devidos registros, podendo ser proposta para outros projetos que serão trabalhados no futuro.

Refletindo sobre o significado dos objetos de memória, eles contribuem para transmissão da minha história, eles representam as experiências vividas, cada um tem sua história. A urgência de trazê-los comigo, além dessa representação, mostra a preocupação quanto a deterioração desses objetos que o tempo agrava, a necessidade de replicar esses objetos tanto em impressões quanto em gravuras, frottage, demarcam ainda mais essa afirmativa.

Destaco ainda a importância do processo criativo, esses objetos de memória foram selecionados, incorporados e transformados em arte, creio que sempre estarão em processo de construção, mais que até aqui atingiram seus objetivos iniciais nesta proposta.

As emoções advindas dos temas abordados despertam lembranças, evocam sentimentos e provocam reflexões, a também urgência em se realizar esse trabalho vem como uma homenagem ao meu âmbito familiar, onde fui agraciada em ter uma família presente e que honra a sua história. Muitas lembranças sempre são agraciadas, nos encontros familiares. Assim como a presença dos meus pais, pois sem eles creio que seria bem difícil falar desses objetos, vejo que com eles tudo faz sentido.

A busca pelo livro de artista veio pois observando esses livros onde os artistas, que trabalham o objeto como produto final de imagem, apareceu muitos destes livros, onde desempenham um papel significativo no mundo da arte contemporânea oferecendo aos artistas uma forma única de expressão e experimentação tanto no processo criativo a integração em arte e literatura em alguns casos a narrativa pessoal e pela multiplicidade de exploração de materiais e técnicas que o livro pode permitir uma grande diversidade de abordagem artísticas, e também a experimentação formal e conceitual que o livro oferece aos artistas, a liberdade de experimentar com diferentes formas, estruturas e conceitos. Eles podem desafiar as convenções tradicionais do livro e

explorar novas maneiras de organizar e apresentar conteúdo visual e textual, além de desempenhar um papel importante na preservação da memória coletiva e na reflexão sobre o passado.

A proposta expositiva aqui inicialmente apresentada, seria realizada no local de moradia, mostrando realmente a dificuldade de espaço, onde este seria preenchido com os objetos que ficaram para trás. Essa proposta fica aqui registrada e se pertinente na decorrência das atividades artísticas poderá ser colocada em prática, dependendo de novas descobertas e disponibilidades. A exposição aconteceu em São Paulo, como aqui registrada em formato de livro de artista, sendo resultado de um curso online, onde foi exposto as placas impressas em impressora 3D com as imagens dos objetos de memória, que foram acomodadas em display de madeira, com caixa de acrílico por cima, assim como uma dobradura que acondicionasse as gravuras em papel feitas a partir da placa que serviu como matriz.

O resultado foi satisfatório o trabalho realizado, tomou forma de livro de artista, ou livro objeto, onde foi disposto em uma mesa para apreciação e podendo ser manuseado por luva, a textura das placas e das gravuras, trouxe de certa forma os objetos para perto. Tendo a visibilidade dessa exposição, não só trazendo os objetos para minha moradia atual, mais também para apreciação do público onde houve bastante repercussão pelo uso da tecnologia em contraponto aos meios manuais como a gravura.

Ainda registro a intenção de continuar esse trabalho, apreciando essas tecnologias como a da impressora 3D e seus desdobramentos, vendo como exemplo a litophane²⁵ feito com esse tipo de impressão, agora com uso de luz, sendo a continuação desses atravessamentos, sigo pesquisando o livro de artista, trabalhando junto a residências artísticas, como a iniciada em Março de 2023 com a M.A.L.A²⁶ em seus desdobramentos, experiências e buscando locais para mostra e exposição desse trabalho que pode se modificar dependendo do espaço onde pode ser apresentado.

²⁵ Um Litophane, litofano (ou litofania) é uma peça de arte ou objeto feito de material translúcido, inicialmente como porcelana, resina ou vidro, que exibe uma imagem ou padrão quando iluminado por trás. A imagem ou padrão é revelado pela variação na espessura do material translúcido, onde áreas mais espessas permitem menos luz passar, enquanto áreas mais finas permitem mais luz passar.

²⁶ M.A.L.A – A Morada Andarilha dos Livros de Artista- tem como intuito proporcionar a aproximação mais estreita ao universo múltiplo dos livros de artista, é uma residência artística online, idealizada por artistas do livro apresentando conteúdos como papel artesanal, experimentações gráficas, encadernação, e é focada no aprofundamento de processos criativos e no desenvolvimento de projetos individuais, concluindo a elaboração desse livro, estes terão rumo à uma exposição coletiva em espaço expositivo fora do Brasil, podendo estar no México em outubro de 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Trad. Ernesto Sampaio. Sem data (s.d).

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 8ª ed. 2004.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BLAUTH, Lurdi. Gravura contemporânea: gravações e impressões entre cheios e vazios. **Revista Científica FAP**, v. 5, p. 41-57, jan./jun., 2010. disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1572/912>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. (Org.). **O meio como ponto zero: Metodologia da Pesquisa em artes Plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade - UFRGS, 2002.

CADOR, Amir Brito. **O Livro de artista e a enciclopédia visual**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. disponível em: https://www.academia.edu/79311381/O_livro_de_artista_e_a_enciclop%C3%A9dia_visual. Acesso em: 09 jan. 2024.

CAMARGO, Marcos H, **Arte e pensamento estético**, Londrina: Syntagma Editores, 2021.

_____. **Enciclopedismo em Livros de artista [manuscrito]: um manual de construção da Enciclopédia Visual**, UFMG, 2012. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/5e/Cador_Amir_Brito_Enciclopedismo_em_Livros_de_Artista_um_manual_de_construcao_da_Enciclopedia_Visual_2012.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

CELERI, Márcio José; PEREIRA, Marcio Roberto. RESENHA Bachelard, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993. **Inter espaço revista de geografia e interdisciplinaridade**. Grajaú/MA v. 4, n. 13 p. 275-278 jan./abr. 2018. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/8365/5376>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. Pós: **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. [S. l.], p. 206–219, 2012.

FONSECA, Raquel. **Tecnologia e fotografia: Outros meios de captação, outra natureza de imagem, novas questões estéticas**. Universidade Federal de Santa Maria

- RS. sem data (s/d). Disponível em:
<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/raquelfonseca.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

GONDAR Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Programa de pós graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Contra Capa livraria, Rio de Janeiro, 2005.

GONDAR, Jô; MAGALHAES, Icléia Thielsen Costa (org) **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GONÇALVES, F. Documentos de trabalho: Percursos metodológicos. **Revista-Valise**, v. 9, n. 16, ano 9, 2020. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/87091>. Acesso em: 26 abr. 2023.

_____. Através: dossiê. **Revista-Valise**. Porto Alegre, v. 3, n. 5, ano 3, julho de 2013. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/41369/26209>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GUASCH A.M. Os Lugares da Memória. A Arte de Arquivar e Recordar. **Revista Valise**. v.3 n. 5, 2013.

GRECO, Clarice; CASTILHO, Fernanda; LEMOS, Ligia Prezia. **Álbum de Memórias: comunidade de fãs e o álbum '50 anos de novelas'**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09 set. 2016. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0152-2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GUTUM, Leandro; FRANCOTTI, Ana; VILELA, Estela. **Exposição entre tempos. Dobras de si**, documento online, (site criado pela autora), 2024. Disponível em:
<http://dobrasdesi.com.br/entretempos/>. Acesso em: 03 de março de 2024.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão, et al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, J. Colecionismo, Objetos e Arte: Entre o visível e o Invisível. **Revista Z Cultural**. Ano X, n. 2. 2015. Disponível em: http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/10/Colecionismo-objetos-e-arte_-entre-o-vis%C3%ADvel-e-o-invis%C3%ADvel_-_Revista-Z-Cultural.pdf. Acesso em: 08 abr. 2023.

MARILICE C. Meus Documentos: a casa e o espaço da memória. **Revista Panorama Crítico**, n. 3, p. 1240, 2009.

MENDONÇA, Mariana Fernandes. **Para sempre lembrar: a fotografia digital e o fetiche pela memória**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/194/1/TCC-2%20-%20versao%20final.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MOTA, Vitória Barreiros de Oliveira. **Fragmentos cartográficos. Bacharelado em Artes visuais.** Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23355/1/2019_VitoriaBarreirosDeOliveiraMota_tcc.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memória. **Revista Psicologia: reflexão e crítica.** N. 28, vol. 4. Out./dez., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kpHrP364B3x94KcHpCkVvKQM/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2023.

MÜSCH, I. et al. **Gabinete de Curiosidades naturais.** Editora Taschen. Colônia, Alemanha. 2001.

NUNES, Sandra Conceição, OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. **Tudo a ver: questões interdisciplinares.** ANPAP, 2012.

POLIDORO, Marina Bortoluz. Sobre as coisas que escolhemos guardar ou que não conseguimos descartar: documentos de trabalho. **Revista Panorama Crítico**, ISSN 1984-624X, Edição 03, Outubro/Novembro 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/25781984/Sobre_as_coisas_que_escolhemos_guardar_ou_que_n%C3%A3o_conseguimos_descartar_documentos_de_trabalho. Acesso em: 02 abr. 2023.

QUEIROZ, Alzira; SÁ, Gondim Tude de; DAMASCENO, Ana Clara Serra. Álbum de família: lugar de recordação e memória. **Revista Ágora: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v.33, n.66, p.01-21, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1100/1042>. Acesso em: 28 abr. 2023.

RIZOLLI, Marcos, MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias e MELLO, Regina Lara Silveira. **Arte e Interdisciplinaridade: um convite à partilha.** ANPAP, 2012.

RAMOS, Marina Feldhues. **Fotolivros (in) definições, histórias, experiências e processos de produção.** 2021. Ed. UFPR, 2021.

ROCHA, Catarine Cândido. **Livro de artista: reinventando o suporte tradicional.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo, curso superior de tecnologia em design gráfico. Cabedelo, Paraíba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/1528/1/Livro%20de%20artista%20-%20Reinventado%20o%20suporte%20tradicional.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

RODRIGUES, Cristiano Antônio Brugger. **Artes visuais & fotografia digital: a construção de novos significados no contexto escolar.** (Monografia de graduação em artes). Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG. Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, 2020. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34579/4/Artes%20Visuais%20e%20fotografia%20digital_a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20novos%20significados%20no%20contexto%20escolar.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. 5 ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. **Redes da Criação: Construção da Obra de Arte**. 2ª ed. São Paulo: Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida; ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra (org.). **Processo de criação em debate**. Salvador, UFBA, 2018.

SANTOS, Liliâne Pires dos. **O ambiente do artista. O ateliê e seus guardados**. 2010. 168 f. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86958/santos_lp_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 abr. 2023.

SANTOS, Sílvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/html/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

SILVA, Marcelo de Souza. Reflexões sobre Uma e Três Cadeiras, de Joseph Kosuth. **HACER - História da Arte e da Cultura: Estudos e Reflexões**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<http://www.hacer.com.br/kosuth>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SILVA, Marta Ramos da. **Arte em gravura: um tesouro a descobrir na sala de aula**. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. Programa de Pós-graduação em Artes. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Lagoa Santa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36842/3/TCC%20final.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

SILVEIRA, Paulo. **Definições e indefinições do livro de**. In: A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71: Editora Perspectiva. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2pwn4/pdf/silveira-9788538603900-03.pdf>. Acesso em 10 mar. 2024.

_____. **As existências da narrativa no livro de artista**. Tese sobre História, Teoria e Crítica da Arte. Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12111/000623021.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SOUZA, Aline Batista de; SALGADO, Tania Denise Miskinis. **Memória, aprendizagem emoções e inteligência**. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132515/000982720.pdf?sequence>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VILELA E. **Do Testemunho**. Princípios, Revista de Filosofia. V.19 n. 31. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7497/5566>. Acesso em: 09 abr. 2023.

Documento: **2024kellydefesaFINAL.pdf**.

Assinatura Avançada realizada por: **Jose Eliezer Mikosz (XXX.613.309-XX)** em 07/10/2024 12:42 Local: UNESPAR/FAP/MPA.

Inserido ao protocolo **22.301.648-0** por: **Jose Eliezer Mikosz** em: 07/10/2024 12:39.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:
fbe9b53fe3c3fdb785e013e15d6b3436.